

MARIA ELSA DE PINHO CORREIA DE MELO PREGITZER

SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA

A Sua Contribuição Para A Filosofia Da Linguagem

Porto 1990

MARIA ELSA DE PINHO CORREIA DE MELO PREGITZER

SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA

A Sua Contribuição Para A Filosofia Da Linguagem

Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto para obtenção do grau de Mestre em Filosofia do Conhecimento

Orientador Científico: Professor Doutor Eduardo Silvério Abranches de Soveral

Porto 1990

Agradecimentos:

Esta investigação foi efectuada no âmbito do Mestrado em Filosofia do Conhecimento, com Seminários específicos - a cargo dos Professores Doutora Maria José Cantista e Doutor Lévi António Malho, cujas lições de verdadeiros Mestres me permitiram aprofundar temas que contribuíram decisivamente para a realização deste trabalho.

Destaco, especialmente, o meu Orientador Científico, Professor Doutor Eduardo Silvério Abranches de Soveral pelos conselhos oportunos, a disponibilidade total, sempre que necessário, os incentivos e propostas de alteração a passagens menos claras.

Quaisquer erros ou deficiências são da minha inteira responsabilidade.

Lembro ainda o apoio e estímulo de amigos e familiares, a quem devo as condições que me permitiram levá-la a bom termo.

“A linguagem é a casa do ser. Nesta habitação do ser mora o homem. Os pensadores e os poetas são os guardas desta habitação.”

“Carta sobre o Humanismo”

Heidegger

ÍNDICE

| | |
|--|----|
| Introdução ----- | 6 |
| Algumas Notas Biográficas ----- | 10 |
| Por quê a Linguagem? ----- | 23 |
| O "animal que fala" ----- | 27 |
| Linguagem e Psicologia ----- | 30 |
| Os elementos constitutivos da Ciência ----- | 35 |
| O Conhecimento ----- | 37 |
| A Modernidade de Aristóteles no estudo dos problemas da Linguagem ----- | 42 |
| Linguagem e Ciência ----- | 45 |
| O conhecimento e a sua expressão ----- | 53 |
| A indispensabilidade da definição ----- | 58 |
| Pasigrafia e Linguagem Universal ----- | 64 |
| Conclusão ----- | 71 |
| Notas ----- | 80 |
| Bibliografia ----- | 88 |
| APÊNDICE ----- | 93 |

INTRODUÇÃO

Se há duas opiniões diferentes sobre a mesma coisa, uma, pelo menos, estará errada; ou até, mesmo, as duas - terá dito Leibniz, referindo-se à moral cartesiana.

Hoje vai-se mais longe ao enunciar os "três factores para uma discussão": a nossa opinião, a opinião dos outros, e a opinião correcta.

Antes de iniciar este trabalho, por proposta do Professor Doutor Eduardo Silvério Abranches de Soveral, apenas conhecia a sua - naturalmente favorável, considerando Silvestre Pinheiro Ferreira como um pensador cuja obra merecia uma atenção especial, no âmbito da Filosofia do Conhecimento. Posteriormente, e à medida que me fui embrenhando nos autores que, de algum modo, se debruçaram já sobre alguns dos seus escritos, deparei com divergências significativas: assim enquanto Teixeira de Vasconcellos o coloca como primeira glória portuguesa do seu século, Lopes Praça não lhe encontra qualquer valor sob o ponto de vista filosófico; o Professor Doutor Lúcio Craveiro da Silva considera a Psicologia de

Silvestre Pinheiro Ferreira "imagem da de Condillac", mas já o Professor Doutor Delfim Santos declara que o seu pensamento merece ser mais estudado e a sua obra coligida na íntegra, pois vários escritos de que há notícia ou se encontram ainda inéditos ou, mesmo, não se sabe onde se encontram.

Perante tão dispares opiniões, dediquei-me a procurar, ler e estudar tudo quanto fosse possível encontrar de e sobre este nosso autor. Depois de largos meses de investigação, análise e comparação de textos de Silvestre Pinheiro Ferreira com os de conhecidos pensadores seus contemporâneos, ou anteriores, pareceu-me encontrar nele traços comuns à Filosofia europeia do seu século - o que não seria de estranhar, dado a sua longa permanência em terras da Europa central - mas também coincidências notáveis com filósofos que lhe são posteriores - alguns mesmo nossos contemporâneos.

A minha opinião é, portanto, de grande interesse e admiração pelo autor e pela sua obra, bem como de perplexidade pelo esquecimento a que foi votado durante tão longo período. Lamento que o tempo à minha disposição para a elaboração deste trabalho não corresponda, de modo algum, ao que seria necessário dedicar-lhe. Há, porém, prazos administrativos a respeitar, circunstâncias existenciais que se não compadecem com aqueles, dificuldades inesperadas de investigação, até de origem "técnica", muitas vezes quase, senão totalmente insuperáveis. A propósito, apenas dois pequenos exemplos: depois de semanas de tentativas infrutíferas para tentar localizar o artigo "A linguagem como método nas

Prelecções Filosóficas de Silvestre Pinheiro Ferreira", foi uma funcionária administrativa da Reitoria (?) da Universidade de Lisboa quem me pôs em contacto com a responsável do departamento que procedera à publicação do referido artigo (Professora que foi também, por sua vez, de inextinguível simpatia).

Também a obtenção da tese de Doutoramento de Louzada de Magalhães em Bonn foi demorada pelo facto de o seu nome não se encontrar correctamente escrito e, portanto, a pesquisa informática, levada a cabo, não o detectar...

Pelos motivos referidos vi-me forçada a deixar de lado muitas das pistas que começara a seguir, pelo que o pensador português cujos pensamento e acção, nos seus vários quadrantes, mereciam ser aprofundados, continuará a esperar, algum tempo ainda, pelo estudo que merece. Sendo português, Silvestre Pinheiro Ferreira foi também europeu, prenunciador já de ideais políticos e sociais que hoje a Europa defende. Sob o ponto de vista filosófico não fica atrás de alguns dos mais conhecidos pensadores dos nossos dias - logo no seu esforço no campo da Linguagem que é, afinal, preocupação primeira do século XX.

Estamos já, portanto, em presença de dois dos três factores inicialmente referidos como necessários para qualquer discussão. Esperemos que também o terceiro a eles se junte e seja possível fazer finalmente justiça a Silvestre Pinheiro Ferreira.

As "Notas" relativas ao Texto, remetidas para o fim para não o sobrecarregar, poderão parecer demasiado numerosas - mas creio serem indispensáveis para possibilitar um cotejo com os textos indicados. Seja ainda referido que as obras constantes da Bibliografia são as que efectivamente foram consultadas - com especial destaque para o "Essai sur la Psychologie..." e as "Preleções Filosóficas", em que os temas relativos à linguagem são mais frequentemente abordados.

Em APÊNDICE vão indicadas todas as obras de Silvestre Pinheiro Ferreira de que há notícia - algumas inéditas, outras referidas por ele próprio ou por terceiros, sem que, contudo, até hoje, tenha sido possível localizá-las.

ALGUMAS NOTAS BIOGRÁFICAS

Silvestre Pinheiro Ferreira, "um dos vultos mais representativos da cultura portuguesa na transição do século XVIII para o século XIX"(1) nasceu em Lisboa ao findar do ano de 1769, em 31 de Dezembro, e aí veio também a falecer em 1 de Julho de 1846. Todos os seus biógrafos concordam em que Lisboa foi a sua cidade-berço (como consta, aliás, das certidões de nascimento e óbito). Mas Innocêncio Francisco da Silva, no seu «Dictionario Bibliographico de Portugal», refere ter encontrado num opúsculo, da autoria do cirurgião João Vicente Martins, publicado em 1846(2), a indicação de que ele nascera "de uma família de fabricantes de panos na villa da Covilhã". Desconhece-se o fundamento da afirmação - embora, de facto, a família fosse oriunda dessa região.

"Portuguez que todo mundo civilizado respeitou como sábio, como político, como escriptor, como publicista e como homem honrado e de uma probidade immaculada"(3), foi toda a sua acção norteadada pelos ideais do amor ao trabalho - patente na vastíssima obra que nos legou - da fidelidade e respeito ao Rei e à Igreja, da justiça e do bem-estar dos seus concidadãos. Exerceu variadíssimas actividades - políticas, filosóficas, literárias - mas a sua vocação seria eminentemente pedagógica: como professor substituto começou a sua carreira em Coimbra, como mestre a terminou.

Ao longo de toda a sua vida sempre o preocupou aquilo que considerava ser obrigação dos letrados: "annunciar ou defender qualquer verdade, fosse relativa a questões puramente grammaticaes, ou dissesse respeito aos mais complicados problemas

philosophicos, ou pertencesse aos importantes assumptos do governo dos Estados”(4). Conhecido e respeitado em toda a Europa - onde, aliás, viveu largos anos - as suas obras figuravam nas bibliotecas públicas e particulares, sendo as suas opiniões frequentemente seguidas e citadas, muitas vezes, até, repetidas sem indicação de origem: “transcriptas com grande applauso e(...) sem que alguém advertisse que eram copiadas ou traduzidas das obras do Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira”(5).

Não só a sua actividade filosófica “domina soberanamente a primeira metade do séc. XIX”(6), como também o tornaram famoso os seus estudos sobre direito político, internacional e constitucional.

A grande maioria dos autores que se debruçaram sobre o seu pensamento considera que este não está ainda suficientemente estudado, pelo que não é possível fazer-lhe inteira justiça - por ex., o Prof. Delfim Santos (7) Mas também encontramos ecos negativos: “Em si, esta filosofia pouca atenção merece, pois é pobre como pobre é o sensismo de Condillac. O seu pensamento eclético não chega a descobrir nenhum ponto de vista fecundo e original”(8). Apesar disso reconhece-lhe, contudo, algum valor, pelo menos como “traço de união” entre a filosofia dos Oratorianos e o positivismo da segunda metade do séc. XIX”(9).

Este juízo negativo parece vir reforçar a ideia expressa pelo Prof. Dr. Delfim Santos de que não lhe foi feita justiça, até à data, pelo que se impõe continuar a estudar o seu pensamento, investigar o seu itinerário espiritual e, concomitantemente, os eventos da sua vida. Porque Silvestre Pinheiro Ferreira viveu numa

época política e socialmente conturbada, instável, sujeita a numerosas influências e pressões internas e externas. Viveu em Portugal e no Brasil, na Inglaterra, na França e na Alemanha. Viajou muito, conviveu com as mais diversas personalidades. Oriundo da burguesia, viveu a maior parte do tempo na Côrte, fiel ao Rei - e procurando, apesar disso, abrir caminho a mais privilégios para o povo. Foi professor particular de Filosofia em Lisboa, professor de Filosofia Racional e Moral no Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, Encarregado de Negócios, Embaixador, Ministro, Deputado.

Toda essa vida errante, toda a riquíssima experiência acumulada tem necessariamente de se reflectir na sua obra. Que será, talvez, "ecléctica" - sem que, contudo, com isso se pretenda dizer de menos valia.

Entrou Silvestre Pinheiro Ferreira em 1784 para a Congregação do Oratório. Oriundo de uma família da pequena burguesia, exercendo a actividade industrial - o seu registo de nascimento dá-o como "filho legítimo de Jacob Pinheiro, fabricante de seda" mas, parece, com poucos bens de fortuna, estaria, em princípio, destinado à vida eclesiástica. Isso mesmo faziam prever as brilhantes qualidades logo evidenciadas como aluno. Mas a coragem e honestidade demonstradas ao longo de toda a vida talvez o tenham impedido de atingir esse objectivo: tendo-se atrevido a "fazer reparos" ao Pe. Theodoro de Almeida, oratoriano muito reputado, atraiu sobre si o desagrado e a perseguição de alguns padres, o que muito o desgostou. Pelo que, terminados os estudos de Humanidades, que cursava, abandonou a Congregação; embora com pesar, como ele próprio o confessa.

Em 1792 encontra-se em Lisboa a dar "lições públicas" (10) antes de ter obtido, por concurso, a substituição da cadeira de Lógica no Colégio das Artes, em Coimbra. Mas tendo posto de parte as ideias do "velho Genuense", substituindo-as por outras mais modernas, de autores franceses e ingleses - mais um "atrevimento" - é acusado de "jacobino" e, até, de "conspirador" (11).

Na sequência de uma busca aos seus papeis - na sua ausência e sem conhecimento do responsável da Universidade de Coimbra, o "principal Castro", seu amigo e protector - Silvestre Pinheiro Ferreira é aconselhado a permanecer durante algum tempo em sítio seguro; neste caso, Setúbal. Mas tendo tardado a receber qualquer recado, como estava combinado, deixou-se persuadir por amigos a embarcar, mesmo sem qualquer documentação, num navio holandês ancorado no porto.

Pensava Silvestre Pinheiro Ferreira desembarcar em França, mas tal não veio a suceder. O navio aportou a Dover e o governo Inglês, dadas as circunstâncias políticas, não permitiu que os passageiros se dirigissem a Calais. É de novo por intermédio de amigos instalados em Londres - entre os quais José Correia da Serra - que Silvestre Pinheiro Ferreira é encaminhado para a Holanda, de onde então, posteriormente, viria finalmente a alcançar Paris, onde se encontrou com António de Araújo e Azevedo, o futuro Conde da Barca, que em tudo o auxiliou - até na elaboração e envio da exposição feita ao Governo Português sobre as causas reais da sua aparente fuga. E, depois de tudo esclarecido, o levou consigo para a Holanda, onde exercia o cargo de Ministro da Legação Portuguesa. Nomeado secretário da Legação, aí permanece e, posteriormente, viaja com o Ministro pelo norte da Alemanha - de Outubro de 1798 a Dezembro de 1799, aproveitando a estadia

para aprender o idioma e adquirir mais amplos conhecimentos botânicos.

Regressados a Lisboa encontraram mudadas algumas das personagens-chave da política da época, pelo que Silvestre Pinheiro Ferreira não é autorizado a acompanhar novamente o Ministro, sendo, em vez disso, colocado como oficial na Secretaria de Estado dos Negócios estrangeiros, onde se mantém até 1802 - data em que é de novo enviado para Berlim, como Encarregado de Negócios. O que uns interpretam como "munificência real" e outros atribuem a maledicências ou intrigas palacianas, por parte daqueles que, temendo as suas brilhantes qualidades, preferiam vê-lo longe do Rei e da Côrte.

Entre 1802 e 1807 (no dizer de Delfim Santos)(12), ou 1802 e 1808 (de acordo com seu biógrafo António Augusto Teixeira de Vasconcellos, cujas notas biográficas foram revistas e corrigidas pelo próprio Silvestre Pinheiro Ferreira), encontra-se na Alemanha, no desempenho das suas funções e exercendo intensa e fecunda actividade a vários níveis. Este período é marcado por acontecimentos determinantes tanto na sua vida particular como pública: - tendo casado com uma senhora alemã luterana - Justina Doroteia Leidholdt, anteriormente divorciada - mas então já convertida ao catolicismo, foi acusado à Inquisição de Lisboa; a qual, contudo, não deu seguimento ao processo, em virtude de a situação ser legal à face da Igreja.

Deste casamento resultaram três filhas, das quais duas morreram ainda na Alemanha, tendo a terceira, Joana Carlota, seguido com os pais para o Brasil, onde veio a casar e deixou descendência. (Delfim Santos, em oposição a outros biógrafos, refere que "dos

seus dois filhos resultou descendência" - sem contudo indicar fontes nem referir que "filhos" são estes que ainda se mantem no Brasil)(13);

- em Berlim, Silvestre Pinheiro Ferreira, para além dos seus afazeres profissionais, dedicou-se ao estudo da Mineralogia, da Química e das Ciências da Natureza. Naturalmente que, em função da sua formação e interesses, não teria descurado as actividades filosóficas, pelo que acompanhou também a Filosofia Alemã, de inspiração kantiana, tendo ouvido, conforme ele próprio afirma, Fichte e Schelling - sem que, no entanto, os tenha apreciado (14);

- sob o ponto de vista político, a sua perspicácia levou-o a aconselhar a família real a exilar-se no Brasil, por ter descoberto as intenções do Imperador francês de invadir a Península (15) - o que aquele nunca lhe perdoou, exigindo a sua retirada de Berlim. Antes, porém, de deixar as suas funções, foi encarregado pelo seu velho amigo e protector António de Araújo de "organizar uma companhia de espingardeiros"(16) que viriam para Lisboa, montar uma fábrica de espingardas. Mas as negociações necessárias alongaram-se de tal modo, que os espingardeiros acabaram por chegar a Lisboa em vésperas da partida da família real para o Brasil. E Silvestre Pinheiro Ferreira, que tinha pago tudo do seu bolso, e não podia suportar a despesa, para lá se dirigiu também, tentando cobrar a dívida - o que, porém, dadas as más circunstâncias financeiras do País, só em parte viria a conseguir.

Aliás, parece ter sido pouco feliz, sob vários aspectos, a sua estadia no Brasil: não tendo chegado a receber as quantias desembolsadas, - causa, afinal, da sua viagem-- viu-se, durante quase um ano e meio, obrigado a (sobre)viver com uma pensão de 53 mil

reis mensais, o que, para além de ser, parece, insuficiente, nem sequer era contrapartida para qualquer trabalho (pelo menos na ocasião) já que não lhe tinha sido atribuído qualquer serviço em que pudesse ser útil - conforme consta de um Requerimento de 13/5/1811, por ele próprio feito (17). Posteriormente é nomeado para a "Junta do Commercio", considerando Silvestre Pinheiro Ferreira o facto como "uma prova de lembrança e afeição do nosso Bom Príncipe, que me defendeu elle só contra todos os seus Min.ºs" (18).

As invejas e perseguições que, pelo seu valor, sempre o acompanharam, fizeram com que fosse nomeado para uma espinhosa missão diplomática na Argentina - missão essa que Silvestre Pinheiro Ferreira considerou ser "indecorosa ao Nome Augusto do Nosso Soberano"(19) o que o levou a não a poder aceitar. Logo se lhe seguiram instruções para abandonar a Côrte e seguir para a Madeira, até novas ordens. Uma vez mais se conformou, embora mais tarde, na já referida "Carta", se lamenta de que esta era "pelo menos a décima (borrasca) em três anos e meio", provocada por "tudo quanto tem ou tem tido o título de Secretº de Estado, sem que o respº que eu professo a tão altos lugares me haja servido de escudo, como nem tão pouco o cuidº com que fujo de me encontrar com elles" - tal era o medo que tinham do seu real valor e da afeição que o Rei lhe dedicava.

Também desta vez foi essa amizade que lhe valeu, pois El-- Rei lhe enviou ordem para desembarcar quando o navio se encontrava já prestes a partir.

É agora que Silvestre Pinheiro Ferreira, sem proventos suficientes, recorre ao ensino, organizando, na Côrte, um curso de Filosofia - curso esse cujas lições iam sendo periòdicamente publicadas, e

que, reunidas em livro, receberam o título de "Prelecções Filosóficas sobre a teoria do discurso e da linguagem, a Estética, a Diceósina e a Cosmologia". Corria então o ano de 1813. Mas já em 1816 a doença o afligia de tal modo que se viu obrigado a pedir uma licença de seis meses para tratamento fora da Côrte - "como meio de evitar a total e prompta ruína, de que se acha ameaçado", já que tinham sido infrutíferos todos os esforços feitos para se recompor de "huma grave moléstia" (20). Era então oficial da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra (além de deputado da Real Junta do Comércio) - estando à espera de "promoção" à categoria a que tinha direito, por nela já se encontrar inscrito ao tempo da sua ida para o Brasil: a de Ministro de Segunda Ordem na Carreira Diplomática. Promoção que veio a acontecer em 1820, ao fim de 10 longos anos de espera por aquilo que, de justiça, lhe pertencia já.

Contudo, não só as malquerenças dos invejosos o perseguiram. Depois da sua doença de 1816, novo revez o atingia em 1819 - a loucura de sua mulher que, gravemente doente, teve de ser internada por não poder ser tratada em casa. Facto que nos é revelado por dois requerimentos do próprio Silvestre Pinheiro Ferreira (21): pedindo o o internamento, o primeiro; e a conversão do seu ordenado de deputado da Junta do Comércio "em pensão vitalícia para sua esposa D. Justina Doroteia de Leidholdt Pinheiro, no caso de sobrevivência", o segundo.

Em 1820 chega finalmente a promoção há tanto esperada, e é nomeado Ministro Plenipotenciário nos Estados Unidos da América. É agora também agraciado com o título de "Conselheiro". Devido, porém, à revolução de 1821 no Brasil, na sequência da de 1820 em Portugal, não chegou a partir, pois a sua presença na Côrte

era mais que nunca necessária, e as tarefas que o esperavam também não menos espinhosas: sendo já "director da Imprensa Régia" e "Membro da Comissão Mixta Anglo-Lusitana para decidir as questões do tráfego da escravatura"(22) - cargos em que fora investido por D. João VI - é chamado a sobraçar as pastas dos Estrangeiros e da Guerra, esta muito contra sua vontade, não só por desconhecimento dos assuntos militares, mas também, possivelmente, por serem estes assuntos contrários à sua índole bondosa e conciliatória.

Com o regresso da Família Real ao País, vindo o Rei jurar a Carta Constitucional, Silvestre Pinheiro Ferreira, que naturalmente o acompanha, escreve o discurso que El-Rei deveria proferir perante as Côrtes. Já em 1814, ainda no Brasil e anteriormente a todos esses eventos, Silvestre Pinheiro Ferreira aconselhara o Rei "a que concedesse espontâneamente o que depois seria forçado a aceitar"; agora, porém, o seu espírito de justiça leva-o a escrever que "se depois da reunião das Côrtes seria por parte do monarcha um acto de despotismo querer legislar sem o concurso dos representantes do povo, haveria da mesma sorte uma espécie de ochlocracia, se as Côrtes fizessem leis sem o concurso e consentimento do rei."(23)

Estas palavras foram muito mal recebidas pelos parlamentares, pelo que Silvestre Pinheiro Ferreira pediu imediatamente a sua demissão e saiu enquanto o rei estava ainda reunido com outros ministros.

Mas o rei não prescindia dos seus serviços. Muito pouco tempo decorrido (cerca de três meses), de novo o chama, não aceitando qualquer desculpa ou recusa - tanto mais que o próprio Congresso parecia ser-lhe agora mais favorável, propondo-se, até, alterar

algumas das bases da Constituição das quais Silvestre Pinheiro Ferreira discordara.

Durante mais de vinte meses desenvolveu profícua acção como Ministro dos Negócios Estrangeiros, sempre norteado por um espírito de justiça, correcção e obediência às leis que lhe grangearam as simpatias e acordos dos diplomatas estrangeiros e seus governos. Chegou, inclusive, a acarinhar a ideia de um tratado com a Espanha, em que portugueses e espanhóis "fossem considerados como nacionais em qualquer delas" - modelo que só mais de século e meio depois viria a ser seguido entre Portugal e o Brasil, e, a nível da Europa terá de esperar ainda por 1992...

Mas as simpatias ou benevolência que a revolução portuguesa pudesse, inicialmente, ter despertado, iam-se esfumando nas Côrtes europeias, pouco favoráveis a uma acção liberal. Por se sentir incapaz de "defender a instituição constitucional" junto dos outros países (24), pede a demissão em Maio de 1823. O pedido é-lhe deferido, mas conservando todas as honras e a pensão correspondente ao cargo que ocupara.

Em 1825, de novo o rei pretende nomeá-lo Ministro dos Negócios Estrangeiros sem que, contudo, consiga demovê-lo a aceitar o cargo. E pouco depois é-lhe dada ordem de seguir para Londres, "a título de ir examinar as relações comerciais de Portugal com a Grã-Bretanha, França e Países Baixos"(25), enquanto não lhe chegassem novas ordens do rei.

Acatando a ordem para sair de Portugal não assume, contudo, o encargo cometido, considerando-o "ofensivo" para os diferentes elementos do Corpo Diplomático. Mas permanece no estrangeiro, longe das intrigas e da luta pelo poder em Portugal,

dedicando-se, finalmente, "às tarefas literárias a que de todo se votara"(26) - como o atestam os numerosos escritos que neste período publica.

Eleito deputado em 1826, 1827 e 1838, não regressa contudo ao país para assumir esses cargos. Tal vem a acontecer apenas em 1842, a quando da eleição para deputado pelo Minho. Só então regressa de facto, sendo recebido com a maior consideração e deferência pelas Côrtes - que, contudo, não chegam a discutir os projectos que Silvestre Pinheiro Ferreira, apresenta "com base em ciências políticas e administrativas, com a reorganização dentro dos princípios da Carta Constitucional"(27).

(...) Ainda nesse mesmo ano (1843), segundo o mesmo autor, contrai matrimónio, em segundas núpcias, com sua sobrinha Joanna Felícia Pinheiro Ferreira.

O carácter pedagógico que revestira a sua actividade inicial manifesta-se de novo: convidado por um grupo de jovens da Universidade de Coimbra, "estudiosos e amantes das letras"(28), formaram uma sociedade a que Silvestre Pinheiro Ferreira presidia, animava e estimulava, e com a qual e para a qual entusiasticamente trabalhava, facultando-lhes todo o seu saber e experiência, reunindo-se com eles "dias e noites consecutivas"(29). Simultaneamente colaborava em muitos dos periódicos literários e políticos da época, sobre os mais variados assuntos, deixando colaboração tão dispersa que ainda hoje não está devidamente compilada, como afirma o prof. Delfim Santos(30); opinião corroborada pela chamada de atenção, no "Diccionario Bibliographico Português"(31), de que se encontra incompleto o "Novo Catálogo das Obras do publicista portuguez Silvestre Pinheiro Ferreira", de 1849, bem como pela seguinte afirmação do

mesmo "Dicionário", a páginas 296: "artigos de Silvestre Pinheiro Ferreira (...) andam dispersos nas páginas ou colunas de vários jornaes, publicados em diversos tempos, e dos quaes se não faz menção alguma no "Catálogo" das obras. É possível e até provável que existam, além destes, outros de mim não vistos ou de que me escapou tomar nota". Aliás, e como curiosidade que confirma aquela opinião, seja referida a existência, na Biblioteca Pública Municipal do Porto, de uns Artigos de Doutrina Christã, "extrahidos do Jornal da Sociedade Catholica", com data de 1845. Quantos mais não andarão ainda perdidos em bibliotecas do País ou do estrangeiro?

É no meio de toda esta actividade que o colhe a doença, em Março de 1846. Sobrevindo em Junho uma pneumonia, não tem já forças para resistir, acabando por falecer no dia 1 de Julho: "às quatro horas da manhã, quando não se queixava de nenhum incommodo, deu a alma ao Creador sem a mínima agonia."(32)

Foi sepultado no Cemitério dos Prazeres, em Lisboa. Três anos depois, por subscrição pública publicada no Diário do Governo (33), foi-lhe erguido um túmulo "consagrado à sempre saudosa memória do ilustre cidadão e publicista portuguez, Silvestre Pinheiro Ferreira, pela sua excellentíssima viúva, e seus dignos discípullos e amigos, e ha-de ser erigido e collocado no cemitério dos Prazeres (em Lisboa), nº 559 (...)"

O Epitaphio que da lápide consta foi “adoptado por elle mesmo”:

EM DOCE E ETERNO SONO EM PAZ ETERNA
DA FORTUNA OS REVEZES JA NÃO TEMES
INCONSTANCIAS DOS HOMENS NAO RECEAS,
NOVOS TEMORES A MORTE NAO TE INSPIRA,
QUE UM DEUS O HOMEM SERVE, NAO NOSSAS FRAQUEZAS
NO TUMULO SEPULTA E NOS PERDOA.(34)

No 200º aniversário do seu nascimento, a Câmara Municipal de Lisboa atribuiu o seu nome a uma rua (Edital nº 125/69): “...e que a praça adjacente à Estrada de Benfica, junto ao Instituto Navarro de Paiva, se denomine:

Praça Silvestre Pinheiro Ferreira

Estadista e Publicista

1769 - 1846 (...)”(35)

Foi em 23 de Maio de 1969. Não parece que se tenha realizado o desejo expresso por João Afonso Côrte-Real, nesse mesmo ano, de que “fosse descerrada a sua estátua, ou um busto apenas”(36); ou, surgindo qualquer impossibilidade, se cunhasse uma medalha com o seu busto. É muito parca a placa que o indica como “Estadista e Publicista” - que realmente foi - mas que nem sequer refere a sua acção como pedagogo e filósofo, com quem aliás começa, em Portugal, a Filosofia Moderna. Como vamos ver.

Por quê a Linguagem?

Por quê a linguagem e por quê, sobretudo, no "Essai sur la PSYCHOLOGIE, comprenant La Théorie du Raisonnement et du Langage, l'Ontologie, l'Esthétique et la Dicéosyne" - obra nem sequer escrita em Português, muito menos divulgada que as "Preleções filosóficas sobre a theórica do discurso e da linguagem, a esthetica, a diceósyna e a cosmologia", considerada, geralmente, como a sua obra mais representativa e que também mais frequentemente é citada?

Antes de mais, e para podermos encontrar resposta, será conveniente examinar o que é a "psicologia" para Silvestre Pinheiro Ferreira, uma vez que é esse, sobretudo, o ponto fulcral do "Essai...", confessadamente escrito para concorrer ao prêmio proposto pela Academia Real das Ciências de Copenhague - prática então corrente para o tratamento e debate de questões consideradas de interesse geral entre os homens cultos da época. Como, devido a "obstáculos inesperados"(37), não chegou a ser enviada, Silvestre Pinheiro Ferreira, consciente da importância do seu trabalho, resolve publicá-lo. Contudo, não se sentindo já forçado a confinar-se às normas restritas e restritivas do concurso, amplia o texto, enriquecendo-o com notas que quase o duplicam e nos dão conta dos seus conhecimentos e das suas reflexões sobre o tema anunciado. Devidamente fixada a verdadeira noção de "psicologia", em cujas divisões mais gerais começa por considerar, "depois da teoria da observação, as do raciocínio e da linguagem"(38), seremos levados a confrontar-nos com o problema primeiro do seu pensamento - o da origem das ideias - inevitavelmente ligado ao da

linguagem, tema que, se já então merecia ser objecto de análise para os "savants"(39) hoje é considerado como primordial na filosofia contemporânea: veja-se, p. ex., a "concepção kuhniana" da relação entre a filosofia da linguagem e os problemas tradicionais (40); ou, ainda, que "a palavra é para o homem começo de existência, afirmação de si na ordem social e na ordem moral"(41); mas é, também, uma "função psicológica"(42).

Inicialmente submetido ao tema do concurso - "Qual a verdadeira noção de Psicologia e qual a relação desta ciência com as que se lhe ligam? Deve-se admitir a distinção que os sábios quiseram estabelecer entre a psicologia empírica e a psicologia racional?" foi Silvestre Pinheiro Ferreira levado a investigar não só o que seria de entender por "psicologia" como também a delimitar o campo das ciências afins.

Para além da fundamentação da distinção entre psicologia empírica e psicologia racional, e não se fazendo ainda sequer qualquer alusão à possibilidade de uma psicologia científica - que iria marcar o último quartel do sec.XIX e a sua transição para o sec.XX - eram os cientistas, mais que os filósofos, que se iam apercebendo das ligações profundas entre o indivíduo e a ciência. Assim, por exemplo, é Bessel, astrónomo alemão, quem descobre que cada cientista teria a sua "equação pessoal" - quer dizer, os erros cometidos por cada observador não são totalmente imprevisíveis, visto que cada um comete um determinado tipo de erro, permanecendo-lhe fiel. Erro que pode ser de origem fisiológica. Mas Silvestre Pinheiro Ferreira, apesar do seu interesse por questões de ciências da natureza e de medicina, não parece pensar ainda que a incipiente Psicofisiologia pudesse ser uma "ciência afim", indispensável ao desenvolvimento da Psicologia, tanto mais que

esse estudo provém da área dos fisiologistas do sistema nervoso - os quais só posteriormente se decidirão pela via da Psicofisiologia ou pela da Psicologia(43).

O problema da sensação, analisado pelos filósofos que sobretudo inspiraram Silvestre Pinheiro Ferreira, está então também a ser estudado, a nível fisiológico, antes de passar para o domínio da Psicologia: C. Bell, em 1811, e F. Magendie, em 1822, tinham descoberto fibras nervosas sensoriais diferentes das fibras nervosas motrizes; mas só em 1838 se chega à enunciação do "princípio da energia específica dos nervos", segundo o qual "a excitação de um nervo visual dá origem a uma sensação visual, e a nenhuma outra"(44), o mesmo se aplicando a todos os outros sentidos.

Tratando-se, pois, de um período de transição antecedendo o aparecimento de novas ciências, não é de estranhar que a Academia Real das Ciências de Copenhague tenha referido apenas, especificamente, as "psicologia empírica" e "psicologia racional", transferindo para o vago campo das "ciências afins", quaisquer outras possibilidades.

Na versão do "Essai..." que acaba por ser publicada, Silvestre Pinheiro Ferreira vai deixar de lado os investigadores mais recentes, seus contemporâneos, recorrendo a "citações de filósofos antigos"(45) - subordinando-se, de facto, ao tema do concurso. E é por aí que vai começar: a explanação do que considera serem as ciências psicológicas, pois que, ao longo dos tempos, alguns filósofos nelas incluíram "um grande número de conhecimentos que outros delas excluíram, como sendo--lhes absolutamente estranhas"(46). É-lhe necessário partir da noção de

Psicologia examinando os vários sentidos em que ela fora, ou era ainda encarada no séc.XIX, pelas principais correntes filosóficas: como disciplina empírica e racional, ou apenas puramente racional, ou, ainda, como um conjunto de conhecimentos meramente empíricos - para procurar encontrar as causas das divergências de opinião já referidas, pois serão elas que o levarão a bem definir a "Psicologia" e delimitar o seu campo. Será, portanto, um "saber pelas causas" que ele procura, seguindo, também aqui, uma metodologia que o leva até à base da sua formação. Inspiração aristotélica, latu sensu, buscando um conhecimento pelas causas, levada a cabo com a meticulosidade que lhe era própria?

○ “animal que fala”

O nosso século deixou de definir o homem como “animal racional”, passando a referir-se-lhe como o “animal que fala”. Se as designações usadas são diferentes, o pensamento de base não deixa, porém, de ser o mesmo, já que estudos dos mais diversos quadrantes - do filosófico ao médico, passando pelo pedagógico, etno-linguístico, e outros - a propósito das relações entre pensamento e linguagem convergem todos para a mesma conclusão: sem pensamento não há linguagem, sem linguagem não há pensamento - entendendo, naturalmente, este “pensamento” como racional, e este “racional” como abstracto, lógico, capaz de, dedutivamente, chegar a determinadas conclusões necessárias. Daí que a linguagem e as ciências que a têm por objecto, ou com ela mais directamente se relacionam, estejam a conhecer o maior incremento. Ora é precisamente a partir do reconhecimento da importância da linguagem em todos os sectores da vida e da actividade humanas, e para todos os homens, que Silvestre Pinheiro Ferreira estabelece o seu ponto de partida: “Todo o homem, qualquer que seja o seu estado e profissão, precisa de saber discorrer com acerto e falar com correcção”(47). Como será possível verificar que se discorre “com acerto” se o resultado desse discurso não for correctamente expresso? Sem chegar ainda ao ponto de (pelo menos, aqui) identificar o conteúdo do discurso com a sua expressão linguística, Silvestre Pinheiro Ferreira exige este falar correcto como indispensável para o progresso em qualquer profissão, para a valorização do homem de qualquer estado, e não apenas para o homem da cultura. Daí que a Lógica, a Gramática Geral e a Retórica

sejam objecto logo da primeira Prelecção(48), quer dizer a partir do início da sua carreira docente (sobretudo se aceitarmos que as referidas “Prelecções...” reproduzem as lições por Silvestre Pinheiro Ferreira pronunciadas a quando da sua actividade como professor de Filosofia Racional e Moral, no Colégio das Artes, em Coimbra(49).

Pelo facto de constituírem uma iniciação ao estudo da Filosofia e revestirem carácter didáctico, justificar--se-à a ordem em que os assuntos são tratados: começando pela “teoria do discurso e da linguagem” (lógica, gramática geral e retórica), vem depois o “tratado das paixões”(psicologia, estética, ética e direito natural);e, por fim, a cosmologia (ontologia e teodiceia) - ordem aparentemente contraditória pois nos separa a psicologia da linguagem. No entanto ele próprio explica esta diferença relativamente à posição que vai adoptar mais tarde, nas Noções elementares de filosofia, (obra muito posterior): pelo facto de considerar que “não se deve começar por ensinar as regras que se devem seguir no exercício das faculdades intelectuais antes de ter ensinado aos alunos quantas e quais sejam essas faculdades. Pois nesta incongruência caem os filósofos que ensinam a lógica antes da psicologia (...)”(50)

Talvez, precisamente, devido a esse carácter didáctico já nessa obra seja visível o seu interesse pela linguagem, a partir da qual chegará ao pensamento. Sempre isento e inflexível quando se tratava de defender a verdade, fosse ela qual fosse, Silvestre

Pinheiro Ferreira, embora aristotélico, não deixa de se afastar, neste ponto, de Aristóteles que, partindo também da linguagem, procurava atingir o real. (O que também não significa que o tenha descurado - mas estabelecendo a relação linguagem-realidade através do pensamento).

“A linguagem é a chave da Filosofia” - pelo que, assim, também o é do pensamento e de todo o conhecimento, independentemente de considerarmos se “os modernos vão das palavras para dentro” e “Aristóteles vai das palavras para fora” (51).

O que parece fundamental é o ponto de partida, as palavras - quer nos conduzam a nós próprios, aos outros ou ao mundo. A palavra é sempre o elemento básico fundamental para o diálogo que estabelecemos com o mundo que nos rodeia e do qual somos parte integrante. Sem querer parafrasear Heidegger, poderíamos perguntar: “O que é falar?”. E, seja qual for a resposta, a palavra aparecer-nos-á sempre como a indispensável mediatização de tudo o que é compreensível, de tudo o que tem sentido para o homem - e pelo homem.

É a partir do estudo da linguagem que Silvestre Pinheiro Ferreira vai construir o seu sistema filosófico seguindo uma atitude característica do seu século - se não tanto em Portugal, pelo menos na Europa: a separação entre ciência e filosofia, marcando, contudo, a supremacia desta, ao atribuir-lhe a função unificadora do conhecimento. Com o que impede que ela possa ser posta ao lado de uma qualquer ciência particular ou, mesmo, com uma ciência se confundisse.

Linguagem e Psicologia

Os problemas referentes às questões de linguagem e moralidade são os dois "momentos filosóficos do pensador lusitano (que) merecem o maior destaque", seja devido à sua "elaboração cuidadosa" ou à "originalidade" com que são apresentados(52). Destes, é o primeiro que mais nos interessa devido à riqueza de conhecimentos, à abertura de pistas de investigação e à largueza de pontos de vista que pantenteia, sobretudo no "Essai...", obra escrita em 1824. Bastante posterior às "Preleccões...", pertencente a outra fase da sua vida, em circunstâncias diferentes e com outros objectivos, algumas das posições expressas demonstram uma originalidade e um saber que não teriam cabimento se a publicação tivesse seguido o rumo inicialmente previsto(53). (A propósito seja dito que ao mencionado Concurso da Academia Real das Ciências de Copenhague foram enviadas apenas três dissertações, tendo sido premiada a de Suabedissen, professor em Marburgo; das outras duas - uma em Alemão e outra em Francês - a segunda não pôde ser premiada pois o autor, demonstrando embora vasta cultura científica e admirável bom gosto, se debruçou pouco sobre as questões propostas(54). O que explica a preocupação de obediência rigorosa ao tema e normas do Concurso, tal como Silvestre Pinheiro Ferreira pretende inicialmente).

Hoje poderá parecer estranho - pelo menos à primeira vista - que a principal obra que se debruça sobre a problemática da linguagem seja um "ensaio sobre a psicologia", tanto mais que, actualmente, Psicologia e Filosofia da Linguagem se encontram extremamente distantes; (tão exageradamente separadas que até

foi sentida a necessidade de criar um novo ramo do saber que poderíamos chamar de "afim": o da Psicolinguística). Compreendendo embora - em sub-título - a Teoria do raciocínio e da linguagem, o "Essai..." indica ainda, do mesmo modo, que tratará também da "ontologia, estética e diceósina". Se considerarmos, como Lopes Praça, que a obra se divide em duas partes - das quais na primeira se trata da classificação das ciências psicológicas, e na segunda da psicologia em geral (nesta englobando a sua visão das ciências como "línguas bem formadas", logo não podendo admitir raciocínio sem linguagem) e nos recordarmos que os estudos de psicologia científica davam os seus primeiros passos - não será de admirar a inclusão da Teoria do raciocínio e da linguagem na Psicologia, sendo inevitável a conclusão de "que se não pode admitir raciocínio sem linguagem"(55).

O Curso realizado no Rio de Janeiro ("Prelecções..."), durante tanto tempo difícil de encontrar, pelo menos na íntegra (como refere Louzada de Magalhães) tornou-se mais acessível aos estudiosos depois da reedição de 1970, levada a cabo pelo professor António Paim, com a colaboração da Universidade de S. Paulo. Mas a ele teve ainda acesso Lopes Praça, que o designa pelo título completo (Curso de Prelecções Filosóficas sobre a Teoria do Discurso e da Linguagem, a Estética, a Diceósina e a Cosmologia). Como se vê é manifesta a preocupação do autor, fazendo incidir a sua atenção, em primeiro lugar, sobre o "discurso" e a "linguagem".

Silvestre Pinheiro Ferreira afirma nesta obra como sendo uma das maiores conquistas da filosofia moderna o facto de identificar "a arte de pensar com a arte de falar, o discurso com a linguagem"(56) - mas, (e de acordo com a sua formação), de

imediatamente lembra o facto de os antigos terem até entrado mais "no íntimo sentido daquela importantíssima verdade", pois não distinguem entre os dois tipos de definição - a histórica e a filosófica - que os modernos usavam mas com que ele não concordava e que considerava "imaginárias"(57). O que logo mostra, por si só, quer a atenção que, desde a Antiguidade, os filósofos dedicaram à linguagem, quer os conhecimentos que desse labor Silvestre Pinheiro Ferreira possuía, quer, ainda, a sua própria preocupação com o tema - enriquecida, para além dos pensadores antigos, lidos e conhecidos a maior parte das vezes na própria língua original, com reflexão própria sobre os progressos, ou novos conhecimentos, entretanto vindos a lume, da parte de autores mais recentes, quer seus contemporâneos quer anteriores. E estes conhecimentos, e estas preocupações, frequentemente patentes ao longo da sua variada e vasta obra, vêm sobretudo à tona no "Essai...", conforme o atesta o professor Joaquim de Carvalho, que assim o define: "notável pensador, cuja actividade filosófica domina soberanamente a primeira metade do século passado, conviveu largamente com a literatura filosófica, lida em geral nos próprios originais, como testemunha sobretudo o Essai sur la Psychologie"(58). Porque, reflectindo maior maturidade filosófica, nele se encontram reunidos e sistematizados conhecimentos e reflexões antes não tão aprofundados, para o que também concorre o carácter menos didático do "Essai...", dando-lhe oportunidade de apresentar as suas teses fundamentais de valorização da Filosofia - é certo que em ligação íntima com a Ciência, mas corajosamente defendendo uma filosofia em parte esquecida - a de Aristóteles - ofuscada mesmo pelo fulgor de algumas dessas ciências, e sobretudo, precisamente, em relação ao desacreditado pensamento

aristotélico; bem como de estabelecer a ligação do pensamento português às ideias vigentes mais no espaço europeu, que bem conhecia e apreciava - se exceptuarmos deste apreço o idealismo alemão - a que por vezes se refere pejorativamente; e, explícita ou implicitamente, noutras procura rebater. Com toda a clareza que lhe é própria - embora nem sempre com a profundidade que seria desejável.

Desde as "Prelecções..." que Silvestre Pinheiro Ferreira procura "unificar o conhecimento em um sistema filosófico coerente"(59). E, como aristotélico para quem todo o conhecimento tem por base a definição, a linguagem é fundamental, já que são as palavras que designam as coisas, ou as suas características ou qualidades essenciais. Pelo que, sem linguagem, o conhecimento não seria possível. Daí o paralelismo que muitas vezes teremos de admitir entre a sua "psicologia" (ou seja, a teoria do conhecimento) e a teoria da linguagem. Embora Aristóteles prevenisse contra a eventual confusão entre o que se diz de um ser e esse mesmo ser, para evitar contradições, a verdade é que Silvestre Pinheiro Ferreira ao marcar a indissociabilidade entre pensamento e linguagem, se antecipa à imagem saussuriana que nos remete para as duas páginas de uma mesma folha de papel, ou à figuração das duas faces do deus Janus, que Benveniste refere. Aliás, o próprio Saussure reconhece que, "no fundo, tudo é psicológico na língua, mesmo as suas manifestações materiais e mecânicas, mesmo as suas alterações fónicas"(60). No "Essai...", e devido à exigência do tema do Concurso, procura Silvestre Pinheiro Ferreira a causa da divergência de opiniões relativamente ao conteúdo da Psicologia, já que alguns autores incluem nela conhecimentos que outros

excluem - e mesmo relativamente aos conhecimentos admitidos não há, também, sequer, unanimidade de classificação. Logo, a sua primeira prioridade será "fixar a verdadeira noção de Psicologia"(61).

É certo que todo o homem conhece. Mas, enquanto alguns conhecimentos são isolados, dispersos, outros formam um conjunto, um todo - uma ciência. Ciência que, qualquer que seja, tem de obedecer a determinadas regras, apresentar certas características comuns que Silvestre Pinheiro Ferreira enuncia e explicita: são os factos, a nomenclatura, o sistema, a teoria e o método.

Os elementos constitutivos da Ciência

Factos são observações individuais ligadas, por um lado, aos sentidos, à experiência de cada ser humano e, por outro, aos objectos que se observam. Mas o homem sente também necessidade de comunicação com o seu semelhante e, para tal, precisa de poder exprimir aquilo que observa: pelo que é indispensável que o facto possa ser designado, referido, descrito, explicado - que possua, portanto, algo que o caracterize e individualize: o nome. Sem nomes não há possibilidade de designar os factos da experiência nem as circunstâncias de que se revestem. É certo que o facto precede o nome - mas, sem o nome, nenhum facto pode ser claramente enunciado. Quanto mais cresce o número de factos, quanto mais bem conhecidos são, quanto maior é a necessidade sentida de os "enunciar clara e distintamente", tanto mais perfeita será também a nomenclatura. Facto e nome são indissociáveis, embora não paralelos; mais ainda: é o nome que vai possibilitar os próprios factos da experiência, as circunstâncias de que se revestem, e, ao enunciá-los com clareza - permitir a sua existência. Por paradoxo que pareça, o facto, sem nome que lhe corresponda, não passa de mera observação individual, algo de subjectivo, experiência que se perderá na multiplicidade das experiências individuais. Só a partir do momento em que há nomes que os designam, e, com base nestes, frases que os explicitam com exactidão, é que temos o segundo elemento comum às ciências: a nomenclatura(62).

Também para Wittgenstein, cerca de cem anos depois, “a proposição elementar é constituída por nomes. Ela é uma conexão, um encadeamento de nomes”(63) - e a linguagem é um conjunto de proposições, tanto elementares como complexas; mas em última análise o que conta, por que é a base, fundamento, são as proposições elementares, representando conjuntos ordenados de nomes. A estas proposições elementares, independentes entre si, correspondem, rigorosamente, conjuntos ordenados de objectos ou coisas. Ou seja: paralelamente ao atomismo lógico, teremos, naturalmente, um atomismo ontológico, já que proposição e facto se correspondem em estrutura e forma(64). E aquilo que, na realidade, interessa a Wittgenstein é “tudo o que acontece” ou seja, os factos que ele refere como “a existência de facto atómicos”, combinação de objectos (entidades, coisas), constituíntes últimos (ou primeiros) do mundo. Aliás, ainda hoje, para Benveniste, a adequação entre a língua e a realidade é completa para o sujeito falante(65).

O Conhecimento

A teoria do conhecimento de Silvestre Pinheiro Ferreira está intimamente ligada à corrente empirista, nomeadamente ao sensismo de Condillac - sem que, contudo, possa ser considerado como um "sensista irreductível", como alguns autores pretendem, esquecendo-se de que ele se não coíbe de criticar aquele autor sempre que lhe parece necessário, chegando mesmo a "acusá-lo" de recusar teorias aristotélicas sem que as conhecesse directamente. O que é incontroverso é o facto de colocar a sensação na base de qualquer conhecimento. Contudo, o termo "sensação" tinha uma amplitude que hoje se lhe não confere, sendo sinónimo de "ideia, noção, percepção, comparação, juízo"(66). No entanto, logo aduz que os filósofos estabelecem distinção relativamente às designações enunciadas, conforme o objecto está apenas presente ou, para além da sua presença, causou impressão nos nossos sentidos, ou ainda, tendo já passado essa acção, a podemos, contudo, recordar - e então estaríamos em presença de, respectivamente, sensações, percepções e ideias.

Ao fazer esta concessão aos filósofos, "para maior distinção", Silvestre Pinheiro Ferreira não reformula, contudo, o seu ponto de partida: a base de todo o conhecimento está na sensação. Mas, para conhecer, não bastam as sensações ou observações do sujeito individual - os factos - e os seus nomes. Os conhecimentos isolados de nada nos aproveitam; apenas reunidos de determinada maneira, obedecendo a certas regras, constituirão um ramo do saber ("corps

de science''). As sensações são o ponto de partida; mas os nomes dão-lhes a possibilidade de passagem do individual ao geral (ou do subjectivo ao objectivo), pois à medida que elas vão aumentando tendem a agrupar-se, por si mesmas, no nosso espírito, em função de uma ou mais propriedades comuns, constituindo, então, classes. Este modo de "autoagrupamento" funciona como um princípio automático de sistematização, passo indispensável - mas ainda não suficiente - para a constituição de uma ciência. Curiosamente, Silvestre Pinheiro Ferreira sempre se opôs ao espírito de sistema (kantiano ou hegeliano, por ex.); mas, defendendo a verdade onde quer que ela se encontre, a sua isenção obriga-o a reconhecer o sistema como terceiro elemento indispensável na constituição de qualquer ciência - desde que os diversos grupos que se encontram no interior de cada classe (ordem, secção, família, género e espécie) sejam caracterizados, de facto, por conjuntos de propriedades semelhantes e não apenas por uma ideia abstracta dessas mesmas propriedades, existente no nosso espírito: "porque as qualidades de cada indivíduo, embora se assemelhem inteiramente às de outro indivíduo do mesmo género, não são efectivamente as mesmas(67). Quer dizer: Silvestre Pinheiro Ferreira procura sempre defender o seu ponto de partida - a sensação - mas conduzindo-se por um caminho que lhe permita fugir às dificuldades gnosiológicas do empirismo.

Daí, portanto, o seu recurso à correspondência entre linguagem e realidade - e o problema, agora, não será já um problema do conhecimento mas da Filosofia da Linguagem. Por isso é o desenvolvimento da nomenclatura e

não a existência de numerosos factos - que caracteriza o

desenvolvimento de uma ciência(68). Curioso é o exemplo da Medicina, que não estaria mais adiantada por a sua nomenclatura ser reduzida, apesar dos muitos factos conhecidos: “também se pode ser pobre no meio da abundância(...)”(69). E uma Nomenclatura pobre não permite o avanço de qualquer ciência, por muito rica que seja em factos. Uma ciência será mais desenvolvida que outra se, para além de ser rica em factos - que são conhecimentos mas não ciência - puder servir-se de uma linguagem “fundada em princípios”, quer dizer, uma nomenclatura. Que, por sua vez tem como questão essencial a da “definição”: “para designar estes factos, para especificar cada uma das circunstâncias de que eles vêm revestidos, são precisos nomes e frases, que se multiplicam e variam à medida que se vai sentindo a necessidade de os enunciar com clareza e distinção. E eis aqui a Nomenclatura da ciência”(70). O que de imediato nos remete para Aristóteles, para quem a definição é a base de qualquer ciência. Silvestre Pinheiro Ferreira procura sempre uma revalorização das doutrinas aristotélicas (passando, contudo, por cima da Escolástica) e acusando aqueles que as desprezam ou atacam de as não entenderem - escreve. Educado nos princípios de Aristóteles, conforme repetidamente afirma, é com esses mesmos princípios que procura iniciar os seus discípulos no conhecimento da Filosofia, indiferente ao anti-aristotelismo ainda reinante; embora imprima um cunho pessoal à tradução, ao “separar, à maneira de Notas, toda aquela parte do texto original, que não acrescenta nada ao que fica dito, e só serve para exemplificar ou aclarar (...) o que precede (...)”(71). Esforço de rigor pedagógico, da honestidade intelectual que o caracteriza, mais do que, decerto, o ver-se compelido a traduzir obras de filosofia por motivos económicos - como

Lopes Praça parece querer dar a entender(72) - tanto mais que nessa época o aristotelismo não reconquistara ainda o prestígio de que gozara durante séculos; pelo que, se fosse o lucro o objectivo a atingir, haveria autores mais modernos, mais atraentes, mais fáceis até, que "beneficiavam de certa e por vezes exagerada aceitação nos cursos universitários que, destituídos de uma magistratura filosófica sistemática, se sujeitavam às ondas de opinião filosófica (o movimento cultural com os seus modismos epocais) transmitidas pelas publicações, e pela natural sucessão de diferentes professores, cada um participando do modismo próprio da sua geração"(73).

Ou, também aqui, seria Silvestre Pinheiro Ferreira um precursor, antevendo já, como necessária e indispensável, a posterior "recuperação" de Aristóteles - recuperação que hoje se verifica? Basta referir Bochénski, chamando a atenção para que "a totalidade da Filosofia, e até da ciência em geral, foi designada por "Lógica", (...) desde a Metafísica (em Hegel) à Teoria da Arte ("Lógica do Belo") passando pela Psicologia, a Teoria do Conhecimento, a Matemática, etc.". Quer dizer: qualquer que seja o problema - filosófico ou científico - que se nos apresente, ele será sempre "lógico". Actualmente vemos que nenhum pensador ou investigador ocidental pode deixar de conhecer Aristóteles(74), inspirador, mesmo, da Física moderna: são, por exemplo, claramente aristotélicos os detentores do Prémio Nobel da Física de 1987. O nosso século fez-lhe justiça, sobretudo através dos trabalhos de matemáticos, lógicos-matemáticos, historiadores de Filosofia atentos, bem como especialistas de ciências ligadas à lógica matemática: "Charles Sanders Peirce, o precursor da investigação actual, (...) Heinrich Scholz, (...) Jan Lukasiewicz" (75). A lógica

matemática caracteriza-se pelo uso de uma linguagem artificial e por uma "organização construtiva de lógica" - o que significa que "se erigem primeiro os sistemas formalisticamente e só depois são interpretados"(76). O que, de imediato, nos leva a lembrar Leibniz e, naturalmente, Silvestre Pinheiro Ferreira, que também preconiza o uso de uma linguagem universal.

A Modernidade de Aristóteles relativamente aos problemas da Linguagem

Parece portanto poder-se afirmar que Silvestre Pinheiro Ferreira tinha uma percepção perfeita da importância do estudo de Aristóteles na formação do pensamento e da linguagem, o que, inclusivamente, explica a designação do

“Essai de Psychologie...” ao tratar de problemas de linguagem - sem prejuízo de os mesmos serem também abordados noutras obras como as “Prelecções Filosóficas” ou as “Noções Elementares de Ontologia”. Mas sem pôr de lado o empirismo, que faz derivar directamente de Aristóteles, justifica a sua posição intelectual. Poderíamos também encontrar aqui a origem da sua confessada aversão a Kant que, segundo ele, não teria conseguido ultrapassar a oposição experiência/razão - o que Silvestre Pinheiro Ferreira procura fazer através da linguagem. Com efeito, é nesta que a razão adquire existência sensível: linguagem não como representação de relações passadas, mas como expressão viva do espírito individual ou colectivo - tema aliás desenvolvido também por Georg Haman (1730/1788), W. von Humboldt (1767/1835), Herder (1744/1803) e Jacobi (1743/1819) (77). (E não seria ainda por uma questão de linguagem que se afasta dos filósofos alemães, sobretudo os da linha transcendental? Com efeito, reprova-lhes o facto de terem resolvido dar um significado arbitrário e diferente a expressões já conhecidas - o que não lhe parece de admitir: “...um cem número de outros chefes de Seitas da moderna Filosofia acentaram que bastava dar a nomes antigos, novas e arbitrarias

acepções, revestir de novos nomes ideias triviais, umas verdadeiras, outras falsas; para conseguirem as honras(...) dos Aristóteles, dos Bacons e dos Leibnitzs.'')(78). Por outro lado, podemos também pensar se ele não teria navegado nas mesmas águas de Schleiermacher (1768/1834), partilhando o seu interesse pela linguagem e pela ortodoxia cristã a que sempre se manteve fiel. Nas suas viagens e permanências na Alemanha, e com a sua inexaurível curiosidade, é quase impossível que o não tenha conhecido.

Vêmo-lo, assim, não só em sintonia plena com os pensadores da Europa Central, seus contemporâneos, como até, por vezes, antecipando-se-lhes algumas décadas.

Mas a constituição do saber, baseada na observação de factos (ou seja, o conhecimento de objectos individuais e os estados referentes a cada um deles), designados por nomes adequados e agrupando-se em sistema no nosso espírito, se traduz já conhecimento (que é subjectivo) não basta ainda para formar a ciência, que deve ser objectiva e acessível a todos. Para que tal aconteça, necessário se torna "conhecer a causa, a razão e os efeitos dos fenómenos"(79). É a partir deste triplice laço que o facto isolado passa a fenómeno, deixa de ser subjectivo - logo, desprovido de interesse - para passar a ser objectivo e se poder constituir em ciência. É em função destes princípios, "que nos devem guiar na solução destes três problemas", que atingimos a teoria.

É sabido que todo o efeito tem uma causa. Mas a relação explicativa que a razão nos fornece para a multiplicidade fenoménica

é uma "razão" no sentido grego: explicar, por ex., a diversidade das figuras geométricas, dizer o que são, dar a sua definição - uma definição que compreenda simultâneamente a gênese e as propriedades de cada uma dessas figuras. "O que é?" significa, para os gregos "dar a razão disso", encontrar a fórmula racional que possibilite a cobertura completa dos factos, ou fenómenos, sem deixar qualquer resquício(80).

Ao basear os seus estudos e ensinamentos em Aristóteles, ao erigir-se em traço de união entre um passado semi--esquecido, ignorado ou, mesmo, desprezado, e um porvir em formação, ao dedicar à linguagem muitas partes das suas obras e ao usá-la até como método(81), Silvestre Pinheiro Ferreira está plenamente virado para o futuro. Conhecido e admirado na sua época, foi-o, contudo, mais pela sua verticalidade, pela sua actividade diplomática e política e pelos seus escritos sobre temas de Direito do que, propriamente, pela sua obra filosófica - pelo menos entre nós. Lopes Praça assim o afirma ao dizer que "não é restritamente como filósofo que (...) alcançou mais nomeada no mundo das ciências", mas sim "cultivando o Direito Público e o Direito das Gentes" (82). E também mais no estrangeiro do que no seu próprio país, que durante muito tempo desconheceu o seu nome para já não falar da obra. Aliás, ainda hoje é mais acarinhado no Brasil, onde, com frequência, textos seus aparecem em selectas e manuais escolares, do que em Portugal. Ora, se as suas obras foram notáveis no campo do Direito, também a linguagem, como suporte de comunicação e veículo do conhecimento e da ciência lhe não ficou devendo menos. É tempo de procurarmos a riqueza subjacente ao eclectismo em que muitos, pejorativamente, o arrumam.

Linguagem e Ciência

Factos, nomenclatura e sistema não bastam ainda para formar a ciência. A linguagem clara e rigorosa usada na ciência dar-nos-á notícia da exactidão e riqueza dos conhecimentos que a constituem - facto que não conseguiram apreender "os filósofos que ousaram negar que as ciências não sejam senão linguagens bem construídas" (83). Mas o passo seguinte - o da Teoria - é indispensável também por permitir a ligação do conhecimento actual ao conhecimento passado e ao futuro; por possibilitar ao cientista saber como chegou ao ponto em que se encontra, qual o caminho seguido e os erros de percurso cometidos, e a evitar daí em diante. Ou seja: indica como proceder acertadamente, a fim de alcançar determinados objectivos. Todo esse saber tem de ser codificado em regras que deverão ser seguidas sempre que se pretende atingir determinados fins. Só então, de posse do Método, estão completados os elementos constitutivos de qualquer ciência: factos, nomenclatura, sistema, teoria e método.

Cada ciência é constituída por factos próprios que determinam os correspondentes elementos seguintes. Mas, para além destes elementos que caracterizam cada uma das ciências, há observações, expressões e mesmo regras que são comuns a todas as ciências, constituindo o que se designa por "metodologia". Ora aquelas observações e expressões, comuns a todas as ciências,

constituem o campo próprio da Psicologia - designação de largo espectro, tanto mais que a questão proposta incidia, precisamente, sobre "qual a verdadeira noção de Psicologia e a sua relação com as ciências afins?". Segundo Louzada de Magalhães, uma das obras enviadas a Concurso aprofundava pouco o tema proposto - como vimos. Silvestre Pinheiro Ferreira, embora impedido de cumprir o prazo estipulado, não se furtou contudo, nem a expôr o seu entendimento de Psicologia em geral, nem a levar a cabo a distinção entre Psicologia empírica e racional -tanto assim que, na primeira parte do "Essai..." trata da classificação das ciências psicológicas, e na segunda, em que fala da "Psicologia em geral", refere várias escolas que se ocuparam dessa distinção.

Ciências psicológicas são, para Silvestre Pinheiro Ferreira, todas aquelas que não têm por objecto senão as faculdades do espírito - sentir, pensar, querer - e as suas aplicações. Mas, logo à cabeça dessas ciências coloca, como "divisões mais gerais da Psicologia" as teorias da observação, do raciocínio e da linguagem -- embora, necessariamente, a chamada "Teoria das Belas-Artes" - englobando desenho, pintura, gravura e escultura, para além da música, poética e eloquência - seja parte tão essencial da Psicologia quanto a Arte de Pensar(84). Facto que os filósofos nem sempre aceitaram, nomeadamente durante a Idade Média, acreditando que "aquele que ensina a Arte de Pensar ou a lógica nada tem a ver com a Retórica ou a Gramática"(85).

Postas de lado pela Filosofia como coisas de somenos valor, a gramática e a retórica consideraram-se também dispensadas de

pensar filosoficamente - e os seus cultores, que ensinavam as regras da linguagem morfológica e sintacticamente correcta, bem como da linguagem cuidada, capaz de impressionar e captar o auditório, não se deram mais ao trabalho de reflectir sobre os princípios das ciências que ensinavam, ligadas à linguagem. E assim a arte de bem falar acompanhou todas as outras Belas-Artes no lugar secundário para o qual os filósofos desdenhosamente as relegaram. Porque os filósofos se colocavam a si próprios no topo da "cadeia dos seres inteligentes", e os cultores das Belas-Artes, quaisquer que elas fossem - linguagem incluída - embora acima dos seres vulgares, encontravam-se muito abaixo daqueles. O que acabou por levar à separação (artificial e nociva) do pensamento e da linguagem, pelo menos até aos fins do séc. XVIII, altura em que Herder vem iniciar uma nova visão dessas relações. E Condillac considera já que "estudar a gramática é estudar os métodos que os homens seguiram na análise do pensamento", sendo que a gramática é, para ele, "a primeira parte da arte de pensar"(86). Humboldt, contemporâneo de Silvestre Pinheiro Ferreira, chegará mesmo a afirmar que só as línguas que possuem formas gramaticais são próprias para possibilitar o desenvolvimento das ideias - posição hoje ainda contida na hipótese de Sapir-Whorf, ao chamar a atenção para o facto de a gramática modelar o pensamento, e de, a mundos gramaticais diferentes corresponderem visões da realidade também diferentes.

Silvestre Pinheiro Ferreira partilha o ponto de vista de Condillac e dos empiristas de que todo o conhecimento começa na sensação: "Quanto a nós, não há nenhuma ideia, nenhuma noção, nenhum

conhecimento que não pertença a uma das duas classes da sensação ou do raciocínio”(87). Mas este raciocínio ou capacidade de julgar provém também das sensações, já que o acto de julgar deriva da comparação de ideias - sendo “ideia” a imagem que fica na memória, depois de experimentadas as sensações, pelo que teremos de concluir que, nesta perspectiva, julgar é comparar.

Por isso também Silvestre Pinheiro Ferreira não pode admitir a possibilidade de existência, no nosso espírito, de ideias independentes, ou anteriores ao contacto com o mundo exterior. Posição que, mesmo não o referindo explicitamente, se nota representar uma crítica às ideias transcendentais, às formas apriori da sensibilidade. Os conceitos de “espaço” e “tempo” teriam induzido em erro aqueles que os admitiam na convicção (falsa) de que a cada palavra tem de corresponder a ideia de uma substância ou qualidade. Uma vez que isso não acontecia com a palavra “tempo”, teriam concluído tratar-se de um conceito que precede toda a experiência - quando afinal apenas se não pensou que o termo “tempo” pertence, juntamente com outros, a um grupo constituído por muitas outras ideias abstractas como, por exemplo, “linha” ou “superfície”, que não são adquiridas a partir da sensibilidade. Assim, as ideias de espaço e tempo são obtidas, respectivamente, com base num conjunto de distâncias e de uma série de momentos iguais - de acordo, aliás, com as definições leibnizianas relativas à contiguidade e à sucessividade.

A palavra, porém, só pode exprimir sensações - palavras são signos convencionais que permitem a compreensão entre pessoas que falam a mesma língua: ser compreendido é despertar no

interlocutor, por meio das nossas expressões linguísticas, as mesmas ideias que elas em nós também despertam quando as ouvimos. A compreensão será tanto melhor quanto maior for o número de ideias semelhantes que as mesmas expressões despertam em dois interlocutores. Se não existir essa resposta (ideias semelhantes) ao estímulo inicial (as expressões) poderemos afirmar que a compreensão não é possível(88). Querendo instalá-la, aquele que pretende fazer-se compreender “explica o que ele próprio entende pela expressão não compreendida: quer dizer, expõe e enumera as ideias que esta expressão desperta nele, quando a ouve pronunciar em circunstâncias análogas. Este expediente chama-se definir. Portanto, definir uma expressão é fazer a enumeração das ideias que ela desperta habitualmente naqueles que a empregam ou ouvem numa circunstância semelhante”(89).

Não esqueçamos que “uma sensação é sempre uma ideia” e ter sensações é ter ideias”(90). Mas também as ideias, porque ligadas aos objectos e às sensações que esses objectos em nós provocaram, associam-se mutuamente no nosso espírito desde que as impressões em nós causadas por dois ou mais objectos tenham sido simultâneas ou muito próximas. Contudo, esta associação não é tão simples ou “automática” como parece: ela é precedida pela sensação - visual, quando somos colocados perante os objectos; auditiva, quando ouvimos nomeá-los; ou, ainda, pelo resultado destas duas sensações em conjunto(91). Supondo, por hipótese, um homem privado de qualquer dos cinco sentidos desde o seu nascimento, este homem não teria possibilidade de experimentar qualquer sensação - pelo que também não teria qualquer ideia enquanto durasse esse estado de privação(92). Esta hipótese de

Silvestre Pinheiro Ferreira recorda-nos, de imediato, a "estátua" que Condillac refere. Um e outro parecem pensar que, sendo a sensação a condição "sine qua non" de qualquer conhecimento, não existindo, portanto, conhecimento na ausência de sensações, ele seria, no entanto, possível a partir do momento em que, por qualquer passe mágico, a sensibilidade passasse a existir - o que, hoje, a moderna psicologia genética vem contradizer, baseando-se, contudo, em factos (tão caros a estes autores) observados, e não em meras hipóteses, não sujeitas a verificação experimental.

Aquilo que permanece no espírito depois de o objecto ter excitado os órgãos externos é, pois, a sensação. Mas "ideia, noção, percepção, comparação, juízo são, todas elas, expressões sinónimas de "sensação". Contudo, apesar de as considerar como sinónimas, é estabelecida uma certa gradação ou diferenciação: assim, a sensação apenas se produzirá "estando o objecto presente e impressionando os nossos sentidos", enquanto a percepção significará "que a impressão feita nos nossos sentidos foi, com efeito, sentida". Há porém, ainda outra possibilidade: se pretendemos dizer "que não só é ou foi sentida, mas que pode ser recordada, chama-se-lhe ideia." (93). Em síntese: o objecto é indispensável para impressionar os sentidos, provocando sensações que dão lugar a ideias. Há como que um desencadear de um movimento vindo "de fora", ou seja, do objecto, para "dentro", dando lugar à ideia. É patente o primado do ontológico - corroborado, até, nos subtítulos dados quer às Noções Elementares de Philosophia quer aos Précis d'un Cours de Philosophie Elementaire, que contêm a mesma designação: "Ontologia, Psychologia, Ideologia" - marcando, assim, o primado do objecto.

No fundo não há qualquer diferença entre a sensação provocada pela acção do objecto presente sobre os nossos sentidos e a sensação derivada das nossas ideias na ausência do objecto. Mas, para melhor as especificar, designa-se por "sensação", a primeira; e por "recordação" ou "imaginação", a segunda. As ideias são as mesmas - mas aquilo que as provoca, a sua causa é que é diferente. Daí que o "lembrar-se de" é ter a certeza de já ter visto ou ter-se apercebido de alguma coisa.

Toda a ideia tem uma causa - origem, princípio - que pode ser de carácter material ou intelectual. A recordação dos nomes dos objectos ou da sua representação (a palavra escrita, por ex., é a representação gráfica do nome e não do objecto) é um acto de memória. Acto de memória que, contudo, pode ser objecto de algumas considerações: os objectos que observamos apresentam-se-nos, em parte, como semelhantes, e em parte como diferentes - pelo que também a designação terá de ser, respectivamente semelhante ou diferente. Em várias expressões que nos ocorram haverá semelhanças numas e diferenças noutras, de acordo com os objectos que designam. Mas é-nos mais fácil recordar as expressões ou representações das ideias dos objectos do que os próprios objectos. O nome apresenta-se-nos com mais facilidade, é de manejo mais simples, exige muito menor esforço do que o próprio objecto. Daí que nos ocupemos preferencialmente com os nomes - donde, a importância da linguagem em geral, e da Nomenclatura nas ciências, em particular - e que os nossos juízos também se baseiem na identidade ou diferença das palavras, levando-nos a concluir pela semelhança ou diferença das coisas. Quer dizer: o pensamento racional liga-se a sinais, mas as conclusões dizem respeito a

objectos. O caminho seguido é, aliás, o mesmo que se usa numa equação algébrica, procedendo, sucessivamente, por substituição de proposições equivalentes até chegarmos a uma proposição cujas expressões já não são substituíveis. Pensar ou raciocinar é precisamente isto: a transformação de uma proposição, à partida ininteligível, ou desconhecida, numa proposição clara, através da substituição de expressões equivalentes entre si: por meio de relações conhecidas chegamos à compreensão de relações que, antes, eram incompreensíveis ou desconhecidas. É neste sentido que J. M. Duhamel afirma: "raciocinar, ou deduzir, é chegar, por meio de relações conhecidas, a relações que se não conheciam"(94).

Este operar racional, este ir ao encontro do desconhecido dele se apropriando no sentido de o clarificar e compreender pode, contudo, ser feito de dois modos diferentes, usando dois tipos diferentes de método, a que se convencionou designar, respectivamente, por analítico

e sintético. Mas, de uma forma ou de outra, o espírito raciocina sempre a partir de uma proposição geral (já para Aristóteles, aliás só a ciência do geral seria possível). O ponto de partida é que marca a diferença: enquanto o matemático dirá: "posto que ... então", o físico afirmará, por sua vez: "se...então". A proposição inicial pode ser constituída por um juízo categórico ou condicional (o que, de novo, nos leva até Aristóteles). A conclusão será lógica ou experimental, conforme se refere, ou não, a um saber ligado à experiência. O que ela porém é, sempre, é de ordem racional. Racionalidade que exige o contributo da linguagem para se desenvolver e atingir, no conhecimento, toda a sua plenitude.

O Conhecimento e a sua expressão

Quando falamos em “conhecimento” podemos referir-nos, em sentido lato, ao conhecimento vulgar, que todo o homem possui, ou ao conhecimento científico, constituído por partes afins formando um todo. Mas para que esse todo constitua uma unidade de conhecimento terá de obedecer a determinadas condições, indispensáveis à elaboração de qualquer ciência - condições essas em que Silvestre Pinheiro Ferreira insiste repetidamente, a elas se referindo quer nas “Prelecções Filosóficas”, quer no “Essai...” ou no “Précis...” e que também aqui já foram enunciadas: a existência de Factos, a Nomenclatura, o Sistema, a Teoria e o Método. Se os Factos são a base, o ponto de partida de qualquer ciência, também o Método, enquanto “caminho para”, é determinante, já que é ele que nos indica o próprio tipo de observação a usar relativamente a esses factos, bem como a nomenclatura a atribuir-lhes, e a constituição de um sistema do qual sairá a correspondente teoria. Estamos então perante a Filosofia da Ciência, uma vez que a Filosofia pode ser encarada como a arte de observar, de se movimentar com segurança nos campos da linguagem, dos sistemas e teorias aplicáveis a todas as ciências.

Contudo, se todos estes elementos são indispensáveis, eles não têm o mesmo peso na constituição das ciências particulares: uma abundância de factos, por si só, não é garante do aparecimento ou desenvolvimento de uma ciência, pois pode ser acompanhada

por uma pobreza de nomenclatura e uma imperfeição de linguagem que impedirão o desenvolvimento da respectiva ciência. Tal acontece, por exemplo, na Medicina, designadamente na Patologia e na Terapia, onde a falta de terminologia adequada e as deficiências linguísticas têm impedido o seu desenvolvimento(93).

Surpreendentemente, também as Matemáticas - "ciências por excelência" devido à simplicidade da sua linguagem - - sofrem, afinal, do mesmo mal, conduzindo até a erros que se não encontram noutras ciências, como as ciências morais ou as ciências físicas, em que seria impossível atribuir à mesma expressão dois sentidos diferentes - o que frequentemente se verifica naquelas: a mesma expressão chega a ser objecto de oito definições diferentes - como acontece, nomeadamente, com os sinais de + (mais) e - (menos). O que não seria admissível em quaisquer outras ciências, porque baseadas em factos, é permitido aos matemáticos que, aproveitando-se da faculdade de fixarem arbitrariamente o sentido das expressões - característica, aliás, das ciências hipotéticas - ainda as podem usar noutros sentidos diferentes, por serem "axiomáticas"(94). Pelo que as tão decantadas clareza e simplicidade que permitiriam, com um simples sinal ou letra, exprimir mais que noutras ciências com uma extensa frase, não passa, afinal, de um atestado de pobreza terminológica e exiguidade de fontes. O que obriga os matemáticos, conscientes da insuficiência dos seus meios, a usarem expressões "emprestadas" por outras ciências ou, mesmo, retiradas da linguagem vulgar, poluindo, assim, a sua própria ciência, sem a tornar mais avançada. A linguagem

metafísica é abusivamente misturada com expressões de cálculo, dando lugar a um estranho conjunto ("bizarro" lhe chama J. J. Louzada de Magalhães) que conduzirá, inevitavelmente, a conclusões incertas ou falsas.

Também nas ciências da natureza - Botânica e Zoologia - a nomenclatura é incompleta, imprecisa, com definições vagas, inexactas, provocando frequentemente perplexidade nos estudiosos que, querendo proceder a classificações de objectos ou casos postos sob os seus olhos, não sabem em que grupo os inserir. Apesar dos esforços já levados a cabo - basta lembrar Lineu - a linguagem destas ciências e de outras (como a Mineralogia) não atinge ainda o grau de perfeição alcançado pelas linguagens vulgares(95).

Relativamente às ciências psicológicas a situação é diametralmente oposta: possuidoras de uma extensa nomenclatura - Silvestre Pinheiro Ferreira identifica quase esta nomenclatura com as expressões da linguagem vulgar - é possível dar uma boa definição, seja de que expressão for, devido à "prodigiosa riqueza de palavras e frases contidas nas obras de todos os filósofos, historiadores, oradores, poetas antigos e modernos, na imensa variedade dos assuntos tratados"(96) - pelo que a clareza acaba por depender do grau de cultura e dos conhecimentos que de uma língua têm aqueles que nessa língua escrevem, proporcionando-lhes tirar proveito do que observam, dando-lhes certeza no saber e evitando a confusão que sempre originam ideias mal expressas. É por isso que nas ciências psicológicas se nota a superioridade

da linguagem. Não se pode estabelecer qualquer paralelismo com a nomenclatura das ciências naturais ou das ciências matemáticas, que não passam de "simples vocabulários", ainda por cima constituídos por palavras tiradas de quase todas as línguas.

Estas línguas naturais ou vulgares são resultado da organização do Homem - pouco arbitrárias, independentes dos seus caprichos, acompanhando o seu progresso e alargando-se à medida que, devido à civilização, as necessidades vão também aumentando: quanto mais civilizado um povo for, maiores serão as suas necessidades e dependências. Assim, o trabalho do psicologista fica facilitado, já que não tem de criar uma linguagem nova, particular, pois a que usa no seu dia a dia é a mesma que, com toda a legitimidade, irá aplicar nos seus estudos e nas conclusões a que chegar. Necessita, contudo, de "classificar e definir as palavras saídas da linguagem vulgar"(97) - as quais, nos povos civilizados, para além da variedade e riqueza de expressões, apresentam uma regularidade de formação de palavras e frases com que as nomenclaturas científicas não podem competir.

Para além desta apreciável vantagem, acresce ainda o facto, próprio das ciências psicológicas, de, estando definidos e classificados os nomes das qualidades, também a nomenclatura da ciência correspondente estar concluída e os conhecimentos dela constantes, disposto, como que por si próprios, em sistema natural - o que não acontece com qualquer outro ramo do conhecimento científico, por mais avançado que seja, mas em que o sistema será sempre artificial - para além de, simultaneamente, se encontrar formada a Teoria da Ciência. Com efeito, e de acordo com a classificação de "ciências psicológicas" seguido por Silvestre Pinheiro Ferreira (em

que a Teoria do Raciocínio e da Linguagem, abarcando a Lógica, a Gramática Geral e a Retórica - formam uma primeira classe de ciências psicológicas; seguindo-se-lhes o Tratado das Paixões, encaradas estas como sensações e relativas a objectos do "gosto" - agrupando as regras da Estética ou a Teoria da Eloquência, da Poesia e de todas as Belas--Artes em geral - o que constitui uma segunda classe das ciências psicológicas; ou como "actos morais", levando então a um outro tipo de conhecimentos relativos à Moral Universal e ao Direito Natural do Homem ou das Nações, e constituindo o campo da Diceósina)(98) - ao definir as expressões que constituem a nomenclatura da Gramática, da Retórica ou da Lógica, logo ficam determinadas as relações entre as várias partes de cada um destes ramos da Ciência, constituindo, portanto, o sistema das ideias e desenvolvendo-se a teoria do raciocínio e de linguagem. Assim, é a definição que está na base da ciência - a palavra encarada como sinal, expressão das ideias, é o elemento primordial, indispensável à conversão do conhecimento (subjectivo, pessoal) em Ciência. Pelo que necessário se torna examiná-la mais detalhadamente.

A indispensabilidade da definição

Nas "Preleções Filosóficas", nas "Noções Elementares..." e no "Essai...", vemos a importância que Silvestre Pinheiro Ferreira atribui à definição. Refere que os escritores que têm tratado da Filosofia seguem ou o método que distingue a escola platónica - recorrendo a "expressões figuradas, quando se entende que darão uma ideia mais sensível do objecto do que daría a expressão própria"(99), ou aquele "que consiste em não empregar expressão alguma senão no sentido que lhe é próprio"(100) - que é o método aristotélico e que Silvestre Pinheiro Ferreira também irá usar.

O sentido que é próprio duma expressão é fixado, sempre que tal é possível, pela definição. Daí que ele considere que "de todos os preceitos em matéria de método, nenhum é tão importante como o de bem definir"(101) visto que, ao levar a cabo uma definição, enumeram-se as ideias que a expressão que se define habitualmente desperta nos que a ouvem ou empregam em circunstâncias análogas.

Há, porém, várias espécies de definições, já que "toda a expressão designa (...) as qualidades que constituem um indivíduo, ou as que constituem o carácter da espécie, ou, ainda, as que constituem o carácter do género"(102). Encontramos, assim, três espécies de definições: a descritiva (que explicita o significado dos nomes individuais), a específica ou particular (que explica o sentido da

expressão aplicável apenas a seres da mesma espécie) e a genérica ou geral (que se aplica a todos os seres do mesmo género, quaisquer que sejam as diferenças existentes entre as espécies a que pertencem) - o que não implica que, pelo facto de afirmar a necessidade de incluir na definição apenas as qualidades essenciais, se tenham de referir todas essas qualidades, já que, frequentemente, a enunciação de uma única, ou de algumas delas, bastam para concluir da existência de todas as outras(103).

Acontecendo, por vezes, ser difícil definir uma expressão em toda a sua extensão, poder-se-á fixar, primeiro, o sentido que se lhe atribui em alguns casos particulares, procurando assim tornar mais compreensível o sentido geral que terá nos outros casos. Só é necessário precavermo-nos do eventual erro de tomar a parte pelo todo. Mas, apesar deste risco real, é o único meio possível para atingir plenamente o sentido de uma expressão: partindo, sucessivamente, de definições parciais até se atingir a definição geral: "porque não é senão depois de ter descrito e caracterizado completamente as espécies que se pode chegar a caracterizar e fixar bem os géneros"(104).

Definir é um "expediente" que usa aquele que quer ser entendido e não o foi: diz então o que ele próprio entende pela expressão que não foi compreendida, "enumera as ideias que esta expressão desperta no seu espírito quando as ouve pronunciar em iguais circunstâncias" (...)

por isso dizemos que "definir uma expressão é fazer a enumeração das ideias que ela desperta no espírito de todas as pessoas que se servem dela em circunstâncias análogas às do caso a que se destina a definição"(105). O que implica que se proceda a

uma enumeração completa das ideias que a expressão suscita nas pessoas que as usam; que essa enumeração contemple apenas as ideias suscitadas em comum nessas mesmas pessoas; e que as ideias suscitadas o sejam em circunstâncias análogas às do caso em questão. Isto porque a mesma palavra, ou expressão, tem, frequentemente, significações diferentes conforme as circunstâncias em que se usam - logo, ao buscarmos uma definição, devemos obviamente procurá-la nos casos análogos. Isto relativamente às definições chamadas "positivas", porque há outra espécie de definições, obtidas de modo diferente: "se, em vez de tomarmos frases usuais, construimos frases arbitrárias, incluindo nelas uma ou outra expressão num sentido diferente do habitual, e daí deduzirmos a definição da expressão que nela incluímos com sentido arbitrário", o resultado será uma definição hipotética(106).

Estas duas espécies de definição estão na base de dois tipos de ciência com características opostas: as ciências positivas e as ciências hipotéticas.

Entre as ciências hipotéticas encontramos as que têm por objecto quantidades: são as matemáticas puras. As chamadas matemáticas aplicadas partem também de definições hipotéticas mas acrescentadas com definições positivas, extraídas da observação. Contudo, também as ciências morais têm, no dizer de Silvestre Pinheiro Ferreira, "as suas matemáticas", por nelas ser possível "partir de definições hipotéticas e construir, sobre esta base, raciocínios cujas conclusões são, para a vida social, o que as

fórmulas de cálculo são para a Astronomia ou a Mecânica”(107). Quanto mais estas definições hipotéticas se aproximarem daquilo que, em sentido corrente, a expressão “definir” significa, mais próximas da realidade dos factos do mundo físico ou moral estarão também as conclusões deduzidas. Se isso não acontecer - ou seja, se as definições, por qualquer motivo, não coincidirem com o uso normal, os raciocínios estabelecidos sobre elas conduzirão, inevitavelmente, a conclusões mais ou menos absurdas.

Também aqui é possível detectar uma preocupação de Silvestre Pinheiro Ferreira que irá encontrar eco no realismo crítico de Popper. De certo que tal não é imediatamente visível, e também me teria escapado não fosse criteriosa e oportuna chamada de atenção do Professor Doutor Eduardo de Soveral. De facto, numa análise atenta, transparece, no pensamento do autor Português a filosofia de Popper - e as dificuldades que lhe são atribuídas - relacionada com a metodologia da ciência na sua Epistemologia. O racionalismo crítico popperiano atenta num conjunto de regras necessárias para a articulação das diferentes teorias científicas -- regras essas que seriam, de certo modo, princípios pedagógicos a serem explicitados, em cada caso, de acordo com a prática científica correspondente; sem que, por tal, se perca o seu carácter convencional e normativo, patente em “A Lógica da descoberta científica” - obra considerada fundamental na evolução do pensamento ocidental sobre a ciência, requeria a insistência de Silvestre Pinheiro Ferreira num saber radical, fundamentador de todo o saber possível, normativo, mas não restritivo, deixando em aberto todas as evoluções possíveis.

Silvestre Pinheiro Ferreira não perde o ensejo de incluir nas suas críticas os filósofos da escola transcendental que, a pretexto de rectificarem ideias que consideram erradas, deram outro sentido a expressões de uso corrente. Este novo sentido, diferente e arbitrário, teria de conduzir, necessariamente, a conclusões totalmente diferentes das até aí conhecidas - o que os fez encarar esses novos resultados como descobertas geniais ... quando, afinal, não passavam de consequências naturais dos pontos de partida adoptados. Continuando a dar às palavras um sentido que mais ninguém dava, as conclusões obtidas eram "tão desprovidas de sentido e utilidade como arbitrários os principios de que derivavam"(108) - acabando os seus adeptos por considerarem "profundo" o que não era senão "ininteligível".

Estas críticas (não expressas, mas claramente implícitas) à filosofia transcendental encontram um certo paralelismo nas que Popper irá fazer à Escola de Frankfurt: só o racionalismo crítico pode preservar o homem de pensamentos utópicos, radicais e ligados a uma ideologia - o que, no século XX, nomeadamente nos nossos dias, é considerado fonte de todos os erros - mas que, em Popper é visivelmente apontado contra o marxismo. Considerado como um dos mais notáveis teóricos da sociedade aberta, burguesa e democrática, não consegue talvez, contudo, tornar transparente o problema das suas próprias e bem claras posições. A discordância manifestada por Silvestre Pinheiro Ferreira relativamente às definições usadas pela escola transcendental, estende-se ainda a outro tipo de definições, então também muito em voga entre os filósofos: as definições históricas e as definições filosóficas, ou ainda (conforme as escolas) as definições nominais e as definições do objecto "tal qual ele é em si mesmo". Ora, sendo a definição de

um objecto, a enumeração das suas qualidades conhecidas - qualidades que o nome desperta no nosso espírito quando ouvimos pronunciar-lo - esta distinção é "absolutamente imaginária" (109) - nome é já definição. Apesar disso, poucos erros terá havido mais funestos para as ciências. E teriam sido facilmente evitáveis se aqueles que a puseram em prática disso se tivessem lembrado.

Pasigrafia e Linguagem Universal

O mesmo rigor e os mesmos objectivos que levaram Silvestre Pinheiro Ferreira a usar de tanto cuidado na análise da definição vão-no conduzir também à ideia de uma linguagem universal - que, sendo constituída por quaisquer sinais escritos, constitui a Pasigrafia - esta não já propriamente de inspiração aristotélica mas antes leibniziana, embora representando a conclusão necessária daquela. Afastando-se deliberadamente dos "homens privilegiados", capazes de ascender "a uma superior esfera de ideias transcendentes, a uma sublime Filosofia da Razão Pura, que ao vulgar dos homens não é dado perceber"(110) e deixando para eles o "falar sobre ideias para que não há palavras" (o que, na sua óptica - e também, aliás, para uma grande parte dos filósofos da Linguagem na actualidade, não é possível - pois, não havendo palavras, não há ideias) investe no campo da Filosofia da Linguagem, que é o domínio do sentido, do entendimento, da definição de expressões, consideradas quer cada uma de per si, quer unidas em frases diferentes, formando discursos também diferentes(111).

Dado que uma das necessidades básicas do homem é a da comunicação, ele quer ser entendido pelos seus semelhantes, não só dentro da própria língua como entre os utentes de outras línguas. Ao longo das suas numerosas viagens, Silvestre Pinheiro Ferreira teve ocasião de sentir e constatar esse facto - daí que, para além de outros motivos, não seja de estranhar a sua ideia de uma

linguagem universal, em que todos se pudessem facilmente compreender. Esta intenção não vinha na linha das preocupações de Filósofos dos séculos imediatamente anteriores, pois o interesse pela Pasigrafia, entendida como "língua universal" tinha sido mais vivo no séc.XVII, sendo de certo modo ofuscado, no séc.XVIII, pelo projecto de Leibniz de constituir uma matemática universal ou "arte combinatória". Com esta perseguia o objectivo de assegurar uma triplíce unidade de espíritos: no plano especulativo - visando a constituição de uma ciência rigorosa, integral; no plano prático - procurando atingir um entendimento supra-nacional; no plano religioso - ultrapassando as divisões entre cristãos para, unidos melhor enfrentarem o perigo muçulmano. (De certo que Leibniz se teria apercebido que muitas das questões religiosas entre católicos e protestantes, anglicanos e muitas outras seitas derivadas desta dissidência, não eram propriamente questões de fundo - como, aliás, se tem vindo a verificar cada vez mais - mas, antes, questões de linguagem, nomeadamente ligadas à hermenêutica de textos religiosos. Pelo que, também aqui, uma "língua universal" desempenharia papel de relevo). Acrescia ainda a ambição de restituir à Metafísica a credibilidade abalada. O seu projecto de subdividir os conceitos mais complexos em conceitos simples (que poderiam ser combinados de todas as maneiras possíveis), fazendo corresponder um símbolo a cada um, como na Álgebra, fez com que, no séc.XIX, fosse mais generalizado o interesse pela gramática universal - que, para Leibniz, não constituía o principal objectivo, sendo, antes, uma propedêutica à elaboração da linguagem universal.

Silvestre Pinheiro Ferreira parte, também aqui, de Aristóteles

- nomeadamente das "Categorias" - procurando colmatar o vazio deixado pelos Dicionários correntes, que ordenam as palavras alfabeticamente, "curando muito pouco de todas as outras relações que as mesmas palavras podiam ter umas com as outras"(112); pelo que, se alguém pretendesse transpor uma frase de uma língua para outra, procedendo à tradução palavra a palavra, "as mais das vezes nada se escreveria de inteligível, porque ainda quando os Índices ou Dicionários compreendessem todas as palavras da respectiva língua, com todos os casos dos nomes, e variedade de conjugação dos verbos; as mais das vezes, mesmo quando fosse exacta a tradução de palavra por palavra, a frase seria absurda ou sem sentido"(113). E isto porque a classificação alfabética é artificial.

Mas há outros tipos de classificações, mais adequadas, mais perfeitas e capazes - considera, pelo menos, Silvestre Pinheiro Ferreira - de atingirem o fim em vista: os Dicionários que distribuem as palavras de acordo com os seus radicais, conforme as suas significações e não tendo em conta a constituição ortográfica. Assim sendo, bastaria, em seguida "observar--se na distribuição dos derivados, uma ordem constante, segundo as suas diferentes maneiras de derivação, para logo ficar o todo arranjado, debaixo de um assaz rigoroso sistema de classificação natural(114). Poderia esta tarefa parecer demasiado difícil ou morosa. Mas aqui entram as "Categorias" em função: "... bastará considerar cada uma daquelas palavras relativamente a cada uma das dez categorias de Aristóteles, para elas irem ficando como por si mesmas distribuidas e classificadas em um sistema rigorosamente natural"(115).

Feito isto para uma língua, proceder-se-ia de igual modo para as outras línguas conhecidas - e então "seria fácil achar um sinal convencional que ficasse sendo comum a todas as expressões sinónimas daquelas diferentes línguas", de forma que qualquer pessoa que escreve-se esse sinal seria compreendida pelas de todas as outras. Tendo em conta que todo o homem culto, em geral, e o homem de letras, em particular, deveria dominar, pelo menos, os quatro idiomas europeus mais significativos - Francês, Inglês, Italiano e Alemão - ficaria a tarefa muito facilitada.

Estes sinais convencionais procuravam resolver o problema de uma Língua universal escrita - à maneira de Leibniz - - ou Pasigrafia. Mas o problema não se reduzia a isto: para além dos sistemas convencionais comuns às palavras de significação idêntica nas diferentes Línguas, era necessário um sistema de sinais tal "que exprimindo neles, cada um, a frase que quizer da sua respectiva língua, resultem sempre frases igualmente perfeitas e inteligíveis para as pessoas de outras linguagens"(116). Quer dizer: a Pasigrafia, por si só, não bastava - a resolução do complicado problema era remetida para a Gramática Universal, que, ao representar "as mesmas ideias específicas ou ao menos algumas das genéricas de cada objecto"(117), nos dava a classificação das Expressões; enquanto a Pasigrafia representava o domínio do convencional. A Gramática Universal provém de uma classificação natural, ligada a objectos e às suas qualidades essenciais, manifestando-se não só nas palavras como também nas frases das diferentes Línguas: dispondo em sistema as palavras e frases de uma Língua, facilmente se encontraria a correspondente expressão noutra Língua. Já a Pasigrafia teria outra constituição, por ser formada pelos sinais

convencionais. Contudo, a realização dessa correspondência de expressões não é, na prática, tão fácil como na teoria pode parecer, o que fez com que Leibniz não chegasse a ultrapassar a fase do mero projecto teórico; mas em que Silvestre Pinheiro Ferreira se teria inspirado para, nas suas "tabelas sistemáticas", "filosofar com números" - segundo Louzada de Magalhães. Aliás, reconhecendo estas deficiências, apenas instado pelos amigos publicou, posteriormente uns "ensaios imperfeitos"(118) sobre esta matéria. O que, aliás, não é de admirar, já que essa dificuldade continua hoje a ser sentida, uma vez que a cada Língua corresponde "uma organização particular dos dados da experiência"; pelo que, ao procurarmos exprimir um pensamento numa Língua diferente, não basta "pôr novas etiquetas em objectos já conhecidos"(119). Considera-se hoje haver uma análise diferente da realidade devido a factores de vária ordem - sociais, culturais, geográficos, históricos, etc. - e essa diferença tem de ser captada na transposição de proposições de uma Língua para outra, sob pena de não obtermos senão frases sem sentido. Contudo, de certo modo, o sonho de Leibniz e Silvestre Pinheiro Ferreira está em vias de realização: existe já um "Tradutor e Dicionário de bolso", considerado como uma maravilha da tecnologia microship que funciona simultaneamente como tradutor e dicionário, pois inclui não só palavras isoladas como frases de utilização corrente. Enquanto "tradutor" dispõe de uma memória de 16 200 palavras; e para tradução simultânea e imediata em Português, Francês, Inglês, Alemão, Italiano e Espanhol são 40 000 as palavras à nossa disposição: accionando a tecla indicada, aparecerá num pequeno écran a palavra pretendida. Relativamente às expressões comuns, estas são, normalmente, cerca de 150, podendo

contudo chegar a 960, através de uma simples mudança de substantivos. (De novo, a importância do nome...)

O facto de o conhecimento das palavras nos dar o conhecimento das coisas mais clara torna ainda, para Silvestre Pinheiro Ferreira, a necessidade de se iniciarem os estudos pela Lógica, Gramática e Retórica, por ser nesses primeiros anos, em que a educação começa, que a memória sobressai entre todas as outras faculdades mentais, sendo portanto maior a facilidade em reter e, assim, aumentar a base dos conhecimentos, começando, de imediato, a aprender as Línguas Modernas principais já referidas, de que nenhum homem de Letras pode prescindir.

O sistema das frases comuns a todas as Línguas (120), deixado por Aristóteles, constitui, juntamente com os Aforismos e as Categorias, a Chave Geral de todas as ciências, ou Organon. Nos diferentes tratados aristotélicos que o integram - seja o Da Interpretação, os Analíticos, os Tópicos ou os Sofísticos expõem-se os requisitos que qualquer asserção possível deve reunir para ser verdadeira. E, para além disto, ainda "se vão dispendo debaixo de certas e bem caracterizadas rubricas todas as frases e asserções de toda e qualquer Língua", chegando-se então à Gramática Filosófica Universal, constituída pelo complexo destas frases(121). Quer dizer: desde há muito que se encontrava, pelo menos "delineado", aquilo que muitos grandes pensadores buscaram: essa correspondência geral das Línguas umas às outras, que permitiria que "distribuídas debaixo do mesmo Sistema as expressões de cada uma das Línguas(122) facilmente se pudessem comparar, relati-

vamente à sua riqueza, duas Línguas quaisquer, cujos Dicionários assim estivessem coordenados, tornando o estudo delas mais fácil. Assim qualquer pessoa de média instrução nem sequer precisaria de ser ainda muito inteligente para apreender, em curto prazo, qualquer Língua estranha à sua própria. Pelo que o problema da Gramática Universal acabaria por se resumir, portanto, à ordenação de frases, proposta no Organon (123). E esta Gramática Universal, em conjunto com a Pasigrafia, vai permitir a constituição da Linguagem Universal.

Os "ensaios imperfeitos" sobre Gramática Filosófica que Silvestre Pinheiro Ferreira publicou, como já foi dito, são constituídos por um quadro ou "Tabellas" de palavras, sílabas e sons, acompanhados de explicações e exemplos em várias Línguas. Tendo embora consciência de que não representavam qualquer avanço ou contributo válido para a questão da Linguagem Universal, acedeu, contudo, aos pedidos dos amigos, na esperança de que pudessem incitar outros a darem também a conhecer o resultado das suas meditações, já que, até então, sobre assunto de tanta monta tão pouco se tinha escrito. Que a tarefa não era fácil demonstra-o o facto de a dificuldade ser ainda hoje sentida e enunciada, entre outros, por Martinet (124).

CONCLUSÃO

Se, ao tempo de Silvestre Pinheiro Ferreira, os assuntos respeitantes à linguagem eram, relativamente pelo menos, pouco tratados, as Ciências da Linguagem conheceram, nas últimas décadas, um incremento tal que o nosso século é já designado como o século da linguagem. Talvez porque a Filosofia seja “perseguida pelo temor de perder em prestígio e importância, se não for ciência”(125) procura elevar-se “ela mesma à condição de ciência”(126) - não atentando, porém, que este empenho em ser ciência a pode levar a abandonar, ou descuidar “a essência do pensar”. No dizer de Heidegger, em vez do pensamento aparece a Lógica, “a sanção desta interpretação que começa com a Sofística de Platão” (...). A Metafísica chamou a si, muito cedo, a interpretação da linguagem na forma da Lógica e Gramática ocidentais” (127). Mas Silvestre Pinheiro Ferreira, homem do seu século, “apesar do influxo condillaciano um homem das luzes”(128), pragmatista de formação aristotélica, foi, nesse aspecto, um precursor. Ele não é “um escritor que se ocupa da Filosofia”(129); antes, como reconhece o Prof. Joaquim de Carvalho ao pronunciar-se sobre as “Reflexões sobre o método de escrever a História das Ciências e particularmente a da Filosofia”(130), as suas considerações são obra de filósofo (...) fiel ao sistema.

Numa época em que o aristotelismo não era apreciado, confessasse repetidamente seguidor de Aristóteles, nele se inspirando para justificar o valor dado à experiência, à sensação como ponto de

partida e base de todo o conhecimento; mas é suficientemente isento para dele se afastar ao procurar no homem a explicação para o próprio homem - enquanto Aristóteles considerava "ser tarefa votada ao fracasso tentar compreender o humano exclusivamente a partir do homem"(131). O conhecimento baseia-se na sensação, mas esta provoca na alma uma modificação, uma mudança, que é a razão. O conhecimento, portanto, provém dos sentidos mas é completado pela razão(132); e afasta-se ainda de Aristóteles ao considerar que, no homem, a união da alma com o corpo não é substancial - antes traduz uma harmonia que consiste "numa correspondência e ação mútua"(133); o modo como se dá essa união apenas é verificado através das mudanças na alma e no corpo, mudanças "que precederam essa de que se nos pede o como"(134). Parte de um Aristóteles que criou a Gramática e inventou a Lógica, associando-o, contudo, à mentalidade científico-experimental que vem da Filosofia de Newton. Rejeitando os sistemas racionalistas procura o sistema para a ciência. Como Condillac, encara também a Gramática como "a primeira parte da arte de pensar"(135): os conhecimentos individuais, concretos, que se iniciam na sensação, têm necessidade de uma sistematização por parte da mente para se poderem transformar em ciência. Por outro lado, o valor dado à formalização lógico-linguística (outro ponto de divergência com Condillac, a quem acusa de "desconhecimento do sentido da realidade") e a busca de uma Linguagem Universal coloca-o na sequência de Leibniz - na senda dos lógicos modernos, que pretendem traduzir o mundo e as relações entre fenômenos em fórmulas matemáticas, compreensíveis em todos os pontos do globo, usando, para isso, sinais próprios. Objectivo que, hoje, nada tem de estranho, mas que, nos finais do século XIX, já depois da morte de Silvestre

Pinheiro Ferreira, veio a culminar no Begriffsschrift de Frege, também ele claramente aristotélico. O pensamento de Silvestre Pinheiro Ferreira caracteriza--se, assim, por uma "abertura filosófica à corrente experimentalista, enquanto conteúdo de um realismo metódico aristotélico"(136). Por outro lado, o seu aristotelismo é de "permeabilização ecléctica e de interesses pragmáticos e cientistas"(137). O que é bem patente nas "Preleções Filosóficas", em que mostra o seu gosto pelos vários domínios científicos - da Mecânica à Mineralogia, passando pelas ciências da natureza, Medicina, etc. Mas, confessando-se embora aristotélico, não se confina a Aristóteles: o empirismo e o sensualismo são, para ele, os desenvolvimentos naturais da teoria aristotélica da ciência.

É sabido que admira e segue, durante algum tempo, o sensismo de Condillac: ter ideias exige a participação dos órgãos dos sentidos, já que o conhecimento se forma a partir da sensação - tese que hoje é praticamente aceite sem discussão, desde Piaget ou Delacroix(138) a F. Kainz (139), à produção soviética ou à Escola Polaca de Cracóvia, estas, referidas por Adam Schaff(140). Por isso, ter sensações é ter ideias; estas correspondem às qualidades dos objectos, pelo que conhecer um objecto é ter ideia das suas qualidades. Assim se nos depara uma teoria do conhecimento ligada à teoria da linguagem - de uma linguagem com base biológica; (aliás, a este propósito dirá Wittgenstein: "a linguagem corrente é uma parte do organismo humano e não menos complicada que ele")(141), pois conhecer o objecto inclui o nomeá-lo. À relação que se estabelece entre ideias abstractas e qualidades materiais junta-se a necessidade de comunicação própria do conhecimento - de onde a enorme importância dada por Silvestre Pinheiro Ferreira à

Nomenclatura, à "linguagem bem feita" que constitui a ciência: o conhecimento parte da sensação para a abstracção, mas necessita da linguagem para progredir, pois a palavra é o meio pelo qual o conhecimento subjectivo, particular, se torna em conhecimento objectivo, científico. Contudo, segue o principio de Locke de que "não se pode afirmar que uma determinada proposição está no espírito se este ainda se não apercebeu dela", ou seja: nega a possibilidade de ideias inatas. Negando o inatismo, aceita a origem sensível, experiencial dos nossos conhecimentos, mas reconhece também a importância do entendimento discursivo na formulação de hipóteses. Atribui ao intelecto a capacidade de raciocinar a partir dos dados sensíveis - pelo que não segue o caminho que conduz à ruína e ao descrédito do conhecimento, à impossibilidade mesmo da existência da ciência, impasse a que o empirismo, levado às suas últimas consequências, acaba por chegar. Ao fundamentar a Lógica e a Gnosiologia na Ontologia, tal como Aristóteles, afasta-se dos radicalismos demolidores da ciência. "O entendimento elabora ideias sobre outras ideias, formando superestruturas cada vez mais complexas, a partir das conexões associativas efectuadas entre os temas mais simples. Essas conexões exprimem-se pela linguagem: as palavras são os sinais que tornam presentes ao espírito essas ideias, são portanto instrumentos do conhecimento.

Apesar de o conhecimento ter sempre origem na sensação, a verdade é que, ao falar, referimo-nos sempre e só a nomes de coisas - os objectos são mais complexos, mais difíceis de serem evocados do que os seus nomes ou signos que os representam. O nome toma o lugar da imagem, que é já representação do objecto. Acabamos, afinal, por nos ocuparmos apenas com nomes: mesmo quando

dizemos “que nos ocupamos destes ou daqueles objectos, é apenas dos seus nomes que tratamos, sem que os próprios objectos estejam presentes na nossa imaginação. Os nossos juízos não se baseiam senão sobre a identidade ou desigualdade das palavras, a partir das quais concluímos pela semelhança ou diferença das coisas. “Raciocinamos sobre signos e aplicamos as conclusões aos objectos”(142). Facto que também F. de Saussure adverte ao notar que “para o sujeito falante há uma adequação completa entre a língua e a realidade”(143). Bem como Wittgenstein ao afirmar que “toda a Filosofia é Crítica da Linguagem” (...); “a proposição é uma imagem da realidade” (...) e a proposição é formada por nomes, pelo que a realidade acaba por ser fixada pela proposição (144).

A linguagem é representação em duplo sentido: enquanto evocação do objecto e do pensamento lógico. “Definir ou saber a significação do nome de um objecto é a mesma coisa que definir ou saber o que esse objecto é”(145).

A língua foi o instrumento usado por Deus para tirar o mundo do caos: logos, nous, idea - para os Gregos: “as ideias mais simples ao tornarem-se signos de ideias mais complicadas formam uma língua”(146) - “a proposição constroi um mundo com a ajuda de uma estrutura lógica”(147). É a língua que, por sua vez, fornece os materiais dos nossos raciocínios (ou seja, definições) que fazem os princípios e, encadeando-se, acabam por nos conduzir a uma conclusão(148) - mas “é possível tirar conclusões mesmo de uma proposição falsa”(149).

Silvestre Pinheiro Ferreira recusa, como vimos, a possibilidade da existência de ideias inatas; contudo não contesta a capacidade - essa, sim, inata - para as adquirirmos a partir das sensações. Esta posição poderá ser explicada pela sua formação oratoriana, pois já com o P. Teodoro de Almeida "o aristotelismo (...) abria-se, no domínio científico e filosófico, ao experimentalismo de Newton e Locke"(150). Estarão aí também, decerto, as raízes do seu eclectismo(151) que o aproxima de Victor Cousin.

É ainda de notar a influência de Leibniz (como, aliás, também em Victor Cousin e outros), seja na criação de uma Linguagem Universal, capaz de dar ao pensamento humano (sobretudo à Metafísica) um rigor científico semelhante ao das ciências matemáticas, seja na do projecto de um Dicionário Universal, ou Enciclopédia, em que trabalhava quando morreu. [Contudo, não era original a pretensão de Leibniz, o qual retomara já de Locke a ideia de uma espécie de Dicionário Universal Ilustrado, como os chineses, aliás teriam possuído(152) e que Gusdorf também refere(153)].

Apesar da influência exercida por Leibniz, Silvestre Pinheiro Ferreira também se afasta das suas posições gnosiológicas, nas quais o papel desempenhado pela sensação - para Locke e Silvestre Pinheiro Ferreira --seria de todo impensável.

Mas Silvestre Pinheiro Ferreira é também um pragmático, o seu interesse pela linguagem não é meramente teórico ou cultural: se todo o homem necessita de saber exprimir-se correctamente, independentemente do seu estado ou profissão, é porque o homem social

é valorizado (em oposição a Rousseau) e o seu interesse se centra também no progresso das "classes industriosas"(154). A Língua terá papel capital nessa ascensão da burguesia - de que ele mesmo provinha, chegando, por mérito próprio e através da sua instrução e esforço, a ocupar os mais altos cargos da nação.

Silvestre Pinheiro Ferreira não foi um revolucionário, antes um "reformador implacável, posto que manso, ao ponto de não raro parecer paradoxal"(155), defendendo a conciliação de interesses entre o antigo regime e as novas instituições liberais - tarefa espinhosa, por ambos os lados incompreendida, o que acabou por o levar a pedir a demissão dos cargos que então ocupava: primeiro, por discordância com o Parlamento; depois, por discordância com o Rei...

Teixeira de Vasconcellos refere a ingratidão dos seus concidadãos, compensada, de certo modo, pela estima e consideração que os estrangeiros lhe votavam: "ainda hoje (1869) não há bibliotheca publica na Europa, ou livraria particular escolhida, em que não estejam devidamente estimadas as obras do nosso benemérito compatriota"; (...) "ainda agora elles commemoram nos dictionários biographicos de maior importância o nome que anda esquecido na Pátria"(156). O apreço era tal na Europa que, muitas vezes, as suas opiniões em assuntos políticos eram "transcriptas com grande applauso", embora "ninguém advertisse que eram copiadas ou traduzidas das obras do Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira!"(157), pelo que ele é considerado pelo biógrafo referido como sendo "a primeira glória portugueza nos annos já decorridos d'este século"(158).

Tudo o que Teixeira de Vasconcellos afirma relativamente à ingratidão dos seus concidadãos, decorridos mais de vinte anos após o seu falecimento, parece ter tido seguimento, quase sem alteração, nos anos posteriores. Do apreço dos estrangeiros pelo autor português poderá ser sinal a tentativa de Louzada de Magalhães de o levar, bem como uma breve panorâmica da filosofia portuguesa ao conhecimento dos alemães. Do esquecimento dos seus naturais dá testemunho o silêncio que à sua volta se fez, só esporadicamente quebrado - sobretudo a partir dos fins da nossa década de cinquenta - por alguns trabalhos já aqui referidos.

Parece, contudo, que o interesse pela sua obra está crescendo: à medida que se vai tomando maior conhecimento dessa obra, cresce também a consciência da importância que poderá ter desempenhado na evolução do pensamento português. O facto de ter sido o introdutor da filosofia moderna em Portugal(159), substituindo o "velho genuense" por Locke e Condillac; a tradução, para Português, de obras filosóficas - das quais a primeira seria "As Categorias", para acompanhamento das suas lições; a importância dada à linguagem em geral como instrumento de conhecimento, de progressão social (facto perfeitamente reconhecido actualmente) e, mais ainda, como definidora da essência do homem, são elementos que encontramos em pensadores muito posteriores.

A identificação que faz entre o "definir ou saber a significação do nome de um objecto" com o conhecimento desse mesmo objecto(160), conduz-nos directamente a Wittgenstein, para quem "a expressão caracteriza uma forma e um conteúdo" (161).

A linguagem como organizadora do pensamento sistemático estrutura o conhecimento - o que nos lembra Saussure, defendendo que "a forma linguística, mais que condição de transmissibilidade, é condição de realização do pensamento"(162): como vimos, "raciocinamos sobre signos e aplicamos as conclusões aos objectos".

Silvestre Pinheiro Ferreira é um defensor acérrimo da linguagem. Talvez aí se encontre o traço maior da sua modernidade como filósofo: "no pensar, o ser tem acesso à linguagem. A linguagem é a casa do ser. Nesta habitação do ser mora o homem. Os pensadores e os poetas são os guardas desta habitação"(163). Habitação que Silvestre Pinheiro Ferreira guarda religiosamente, ao investigar e propor o estudo da linguagem como método de realização do Homem.

- (1) "Dic. Lit.", 1º vol., p.332
- (2) "Dic. Bibliogr. Port.", p.261
- (3) Idem
- (4) "Glórias Port.", p.41
- (5) Idem, p.2
- (6) "Evolução da Historiografia...", p.143
- (7) "Dic. Lit.", p.332
- (8) "Actas do I Cong. Nac. Fil.", p.618
- (9) "Actas da Ass. Int.de Est. Fil.", p.219
- (10) "Gl. Port.", p.4
- (11) Idem, p.5
- (12) "Persp. Lit. Port.", p.21
- (13) Idem
- (14) "Noç. Elem. Phil. Geral", p.7
- (15) "A Fil. de Silvestre Pinheiro Ferreira", p.24
- (16) "Gl. Port.", p.11

- (17) "A Fil. de Silvestre Pinheiro Ferreira", p.209
- (18) Idem, p.18
- (19) Idem, p.219
- (20) Idem, p.226
- (21) Idem, p.230 e 233
- (22) "Gl. Port.", p.22
- (23) Idem, p.17
- (24) "A Fil. de Silvestre Pinheiro Ferreira", p.24
- (25) "Gl. Port.", p.21
- (26) "Dic. Bibl. Port.", p.260
- (27) "O Universalismo de Silvestre Pinheiro Ferreira", p.323
- (28) "Dic. Bibl. Port.", p.260
- (29) Idem, p. 261
- (30) "Dic. Lit.", p.332
- (31) "Dic. Bibl. Port.", p.262
- (32) "Gl. Port.", p.25
- (33) "O Universalismo de Silvestre Pinheiro Ferreira", p.326
- (34) Idem
- (35) Idem, p.324
- (36) Idem
- (37) "Essai...", Avertissement, p.11

- (38) Idem, p.8
- (39) Idem, p.11
- (40) Richard Rorty, "A filosofia e o espelho da natureza", Lisboa, publ. D. Quixote, 1988, p.208
- (41) G. Gusdorf, "La palabra", ed. Galatea Nueva Vision, Buenos Aires, 1957, p.77
- (42) Idem, p.7
- (43) M. Reuchlin, "Histoire de la psychologie", PUF, Paris, p.10
- (44) J. Muller, "Handbuch der Physiologie des Menschen", 1833-1840
- (45) "Essai...", Avertissement, p.11
- (46) Idem, p.10
- (47) "Preleções...", p.32
- (48) Idem
- (49) "Silvestre Pinheiro Ferreira - sein Leben...", p.87
- (50) "Noções elem. de philosophia", p.VIII
- (51) "A linguagem como método...", p.313(21)
- (52) "O Sist. Fil. de Silvestre Pinheiro Ferreira", p.132
- (53) "Éssai...", p.II
- (54) "Silvestre Pinheiro Ferreira - Sein Leben...", p.40
- (55) "Hist. da Fil. em Port.", p.257
- (56) "Preleções...", p.219

- (57) Idem, p.172-173
- (58) Joaquim de Carvalho, o. c., vol.I, p.143
- (59) "O Sist. Fil. de Silvestre Pinheiro Ferreira", p.20
- (60) "Curso de Linguística Geral", p.30
- (61) "Essai...", p.11
- (62) "Preleções...", p.148
- (63) "Tractatus", pr.4.22,
- (64) "Intr. ao Tractatus...", p.150
- (65) "Probl. de Linguistique Générale,1", p.52
- (66) "Preleções...", p.66
- (67) "Essai...", p.128
- (68) "Preleções...", p.34
- (69) Idem, p.147, pr.538
- (70) Idem, p.34, pr.12
- (71) "Preleções...", p.89, pr.311
- (72) "Categorias", p.30
- (73) Idem, in "Apresentação"
- (74) "Historia de la Lógica Formal", p.12
- (75) Idem, p.19
- (76) Idem, p.22
- (77) "Kleine Weltgeschichte der Philosophie", p.376

- (78) "Preleções...", p.99, pr. 353
- (79) "Essai...", p.5
- (80) "Fundamentos de Filosofia", p.80
- (81) "A Linguagem como Método...", p.81
- (82) "Hist. da Fil. em Port.", p.258
- (83) "Essai...", p.128
- (84) Idem, p.8
- (85) Idem, p.9
- (86) "Oeuvres Philosophiques", cap.II
- (87) "Essai...", p.123
- (88) Idem, p.13
- (89) Idem, p.14
- (90) "Preleções...", p.41
- (91) "Essai...", p.19
- (92) Idem, p.20
- (93) "Essai...", p.66
- (94) Idem, p.67
- (95) Idem, p.77
- (96) Idem, p.81
- (97) Idem, p.82
- (98) Idem, p.11-12

- (99) "Noções Elem....", p.5
- (100) Idem, p.4
- (101) "Preleções...", p.193, pr.666
- (102) "Essai...", p.14
- (103) Idem, p.132-133
- (104) Idem, p.16
- (105) "Noções Elem....", p.5-6
- (106) "Essai...", p.18
- (107) Idem, p.140
- (108) Idem, p.142
- (109) Idem, p.109
- (110) "Preleções...", p.259, pr.916
- (111) Idem, p.260, pr.916
- (112) Idem, p.262, pr.919
- (113) Idem, p.264, pr.930
- (114) Idem, p.263, pr.923
- (115) Idem, p.263, pr.924
- (116) Idem, p.265, pr.931
- (117) Idem, p.130, pr.480
- (118) "A Filosofia de Silvestre Pinheiro Ferreira", p.289
- (119) A. Martinet, "Eléments de linguistique générale", Paris, A. Colin, 1966, p.13

- (120) "Preleções...", p.266, pr.936
- (121) Idem, p.266, pr.938
- (122) Idem, p.267, pr.939
- (123) Idem, p.266, pr.936
- (124) "Éléments de linguistique générale", p.13
- (125) "Carta sobre o Humanismo", p.35
- (126) Idem, p.35
- (127) Idem, p.34
- (128) "Silvestre Pinheiro Ferreira, o seu pensamento político",
p.217
- (129) "Silvestre Pinheiro Ferreira - sein Leben ...", p.64
- (130) "Evolução da historiografia...", p.103
- (131) "A Linguagem como Método...", p.131
- (132) "Preleções...", p.64, pr.234
- (133) Idem, p.256, pr.907
- (134) Idem, p.257, pr.909
- (135) E. Condillac, "Grammaire Française...", Partie I, chap.I
- (136) "Silvestre Pinheiro Ferreira - o seu pensamento político", p.5
- (137) Idem, p.15
- (138) Delacroix, "Le Langage et la Pensée", Paris, 1924 (139) Kainz,
"Psychologie der Sprache", Stuttgart, 1960 (140) "Linguagem
e Conhecimento", III Parte

- (141) "Tractatus...", 4.002
- (142) "Preleções...", p.53, pr.121
- (143) "Curso de Ling. Geral", p.52
- (144) "Tractatus...", 4.0031, 4.01, 4.023 (145) "Essai...", p.160, nota 1
- (146) Idem, p.24
- (147) "Tractatus...", 4.023
- (148) "Preleções, p.36-37, pr.22 e segts.
- (149) "Tractatus...", 4.023 (150) "Portugal e a Cultura europeia", p.157
- (151) "O eclecticismo...", p.8
- (152) "Novos ensaios...", livro 3, cap.11, pr.25, nota 2
- (153) "Introduction...", p.233
- (154) "Silvestre Pinheiro Ferreira - o seu pensamento político", p.20
- (155) "Glórias Portuguesas", p.1
- (156) Idem, p.2
- (157) Idem, idem
- (158) "Silvestre Pinheiro Ferreira", in D. Santos, o.c., p.480
- (159) "Essai..", p.160, nota 1
- (160) "Tractatus...", 3.31
- (161) "Curso de Linguística Geral", p.64
- (162) "Carta sobre o Humanismo", p.33

BIBLIOGRAFIA

I Obras de Silvestre Pinheiro Ferreira

Essai sur la Psychologie, comprenant la Théorie du Raisonnement et du Langage, l'Ontologie, l'Esthétique et la Dicéosyne, seconde édition, Paris, J. P. Aillaud, 1928

Noções Elementares de Philosophia Geral e Applicada as Sciencias Moraes e Politicas, Paris, Rey et Gravier, 1839

Précis d'un Cours de Philosophie Elementaire: Ontologie, Psychologie, Ideologie, Paris, Imp. de Raynal, 1841, 12^o gr.

Preleções Filosóficas, 2^a edição, São Paulo, Editorial Grijalbo Ltda., 1970

II Artigos (transcritos de COELHO, Maria Luisa C. R. Souza, A Filosofia de Silvestre Pinheiro Ferreira, Braga, Livraria Cruz, 1958)

Das Ciências em Geral, e da sua Classificação em particular, p.263-275

Gramática Filosófica, p.289-294

Reflexões sobre o Método de Escrever a História das Ciências e particularmente a da Filosofia, p.257-263

III Estudos sobre a obra de Silvestre Pinheiro Ferreira

CARVALHO, Joaquim de - Evolução da Historiografia Filosófica em Portugal até fins do séc.XIX, in «Obras Completas», vol.1, Lisboa, Fundação C. Gulbenkian, 1978, p.121-153

COELHO, Maria Luisa C. R. de Sousa - A Filosofia de Silvestre

COELHO, Maria Luisa C. R. de Sousa - A Filosofia de Silvestre Pinheiro Ferreira, Braga, Livraria Cruz, 1958

CRIPPA, Adolpho (coordenador)- As Ideias Filosóficas no Brasil,(capítulo "As raízes do ecléctismo brasileiro"), São Paulo, Editora Convívio, 1978 CORTE-REAL, J. Afonso - O Universalismo de Silvestre Pinheiro Ferreira Conselheiro do Rei D. João VI, in «Revista Portuguesa de Filosofia», Tomo XXV, Braga, Fascs. 3-4, 1969, p.306-328

DIAS, José S. da Silva - Portugal e a Cultura Europeia, Coimbra, 1953 -- O ecléctismo em Portugal no séc.XVIII, Coimbra, 1972 FIGUEIREDO, Fidelino de - Para a história da philosophia em Portugal (Subsídio Bibliográfico), Porto, Typographia da Empresa Litterária e Typográfica, 1922 GOMES, Pinharanda - Silvestre Pinheiro Ferreira - Introdução e Selecção, Colecção Ponto de Partida, Lisboa, Guimarães & C^a, 1977

MAGALHÃES, J. J. Louzada de - Silvestre Pinheiro Ferreira. Sein Leben und seine Philosophie, Bonn, Universitaets-Buchdruckerei, 1881 MARTINS, João Vicente - À Memória de Silvestre Pinheiro Ferreira, in «Diccionario Bibliográfico», Tomo IV, p.1363

MONCADA, Luis Cabral de - Silvestre Pinheiro Ferreira, in «Subsídios para uma História do Direito em Portugal», Coimbra, 1938, p.32-38

PAÍM, António - História das ideias Filosóficas no Brasil, São Paulo, Grijalbo, 1974

PEREIRA, José Esteves - Silvestre Pinheiro Ferreira - O Seu Pensamento Político, Coimbra, Faculdade de Letras, 1974, p.215-284

PRAÇA, J. J. Lopes - História da Filosofia em Portugal, Lisboa, Guimarães & C^a Editores, 1974

SANTOS, Delfim - Silvestre Pinheiro Ferreira, in «Obras Completas», vol.1, Lisboa, Fundação C. Gulbenkian, p.447-

- Perspectivas da Literatura Portuguesa no séc.XIX, vol.1, Lisboa, Edições Ática, (Direcção, Prefácio e notas bio-bibliográficas de João Gaspar Simões)
 - in «Obras Completas», vol.1, p.479-490
 - O pensamento Filosófico em Portugal, idem, p.437--454
- SILVA, Innocência Francisco da - Silvestre Pinheiro Ferreira, in «Diccionário Bibliográfico Portuguez», Tomo VII, Lisboa, 1862, p.259-273

SILVA, Lúcio Craveiro da - Silvestre Pinheiro Ferreira, in «Revista Portuguesa de Filosofia», Braga, Fascs. 3-4, 1955, p.616-619

SILVA, Maria Beatriz Nizza da - Silvestre Pinheiro Ferreira: Ideologia e Teoria, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1975

SILVA, Nady M. Domingues da - O Sistema filosófico de Silvestre Pinheiro Ferreira, Biblioteca Breve, vol.117, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1990

SOARES, Maria Luisa Couto - A Linguagem como Método nas Preleções Filosóficas de Silvestre Pinheiro Ferreira, in «Cultura - História e Filosofia», Lisboa, vol.III, 1984, p.293-314

THOMAS, Lothar - Contribuição para a História da Filosofia Portuguesa, vol.1, Lisboa, 1944, p.27

VASCONCELLOS, António Augusto Teixeira de - Glórias Portuguezas, Tomo I, Lisboa, Typographia Portugueza, 1869, p.1-60

IV Bibliografia Subsidiária

BENVENISTE, Émile - Problèmes de Linguistique Générale,

- BENVENISTE, Émile - Problèmes de Linguistique Générale, vol.1, Paris, Éditions Gallimard, 1966
- BOCHENSKI, I. M. - Historia de la Lógica Formal, Madrid, Editorial Gredos, 1976
- CHOMSKY, Noam - Reflexões sobre a Linguagem, Coleção Signos, nº12, Lisboa, Edições 70, 1977
 -- Le Langage et la Pensée, nº148, Paris, Petite Bibliothèque Payot, 1970
- CONDILLAC, E. - Oeuvres Philosophiques, Paris, P.U.F., 1947
- GUSDORF, Georges - Introduction aux Sciences Humaines, Paris, Édition Les Belles Lettres, 1960
 -- La Palabra, Buenos Aires, Ediciones Galatea Nueva Vision, 1957
- HERDER, J. G. - Ensaio sobre a origem da Linguagem, Lisboa, Edições Antígona, 1987
- HEIDEGGER, Martin - Carta sobre o Humanismo, Lisboa, Guimarães Editores, 1987
 -- Unterwegs zur Sprache, Stuttgart, Verlag Gunther Neske Pfullingen, 1959
- LEIBNIZ, G. W. - Novos Ensaio sobre o Entendimento Humano, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931
- LOCKE, John - Essai Philosophique concernant l'Entendement Humain, Paris, Lib. Hatier s/d
- GARCIA MORENTE, Manuel y ZARAGUETA BENGOCHEA, J. - Fundamentos de Filosofia, Quinta edición, Madrid, Espasa-Calpe, S.A., 1960
- SAUSSURE, F. de - Curso de Língua Geral, Lisboa,

WHORF, B. L. - Sprache, Denken, Wirklichkeit, Muenchen, Rowohlt, 1979

V Outros

CHEVALIER, Jacques - Histoire de la Pensée, vol.1-3, Paris, Flammarion, 1955

FOULQUIÉ, P. et SAINT-JEAN, R. - Dictionnaire de la Langue Philosophique, Paris, P.U.F., 1969

PERES, Damião - História de Portugal, vol.7, Barcelos, Portucalense Editora, Lda, 1935

COELHO, Jacinto do Prado (direcção de) - Dicionário de Literatura, 2ª edição, Porto, Livraria Figueirinhas, 1969

Grosses DUDEN Lexikon, Mannheim, Bibliographisches Institut, 1965

APÊNDICE

BIBLIOGRAFIA

Esta Bibliografia procura reconstituir, na íntegra, a produção intelectual de Silvestre Pinheiro Ferreira. Para além das obras publicadas indicam-se também todas aquelas de que foi possível encontrar qualquer referência - feita pelo próprio autor ou por outrem - mesmo que não tenha sido possível localizá-las. Com efeito, muitas encontram-se inéditas, várias, espalhadas por periódicos da época, algumas, apenas manuscritas, de outras não se sabe o paradeiro.

Nas obras a seguir referidas foram encontradas as indicações constantes desta Bibliografia:

- ANONYMO - Novo Catálogo das Obras do publicista portuguez Silvestre Pinheiro Ferreira, precedido de uma breve advertência e prospecto. Paris, Typ. de J.B. Morando, 1849, 24

páginas de 8º menor.

- SILVA, Innocêncio Francisco da - Silvestre Pinheiro Ferreira, in «Diccionario Bibliográfico Portuguez», Tomo VII, Lisboa, 1862, pp. 259-273.

- MAGALHÃES, J.J. Louzada de - Silvestre Pinheiro Ferreira. Sein Leben und seine Philosophie. Bonn, Universitäts--Buchdruckerei von Carl Georgi, 1881.

- COELHO, Maria Luisa C. R. de Sousa - A Filosofia de Silvestre Pinheiro Ferreira, Braga, Livraria Cruz, 1958.

- PEREIRA, José Esteves - Silvestre Pinheiro Ferreira - O Seu Pensamento Político, Coimbra, Faculdade de Letras, 1974, pp 215-284.

- LIMA, Vivaldo da Costa - Silvestre Pinheiro Ferreira (1769-1846) - Bibliografia e Estudos Críticos, Salvador - Baía,

Centro de Documentação do Livro Brasileiro, 1983.

- Preleções Philosophicas sobre a theórica do discurso e da linguagem, a Esthetica, a Diceósyna e a Cosmologia - Rio de Janeiro, 1813. (1ª Parte - 366 pp. mais 101 de Índice; 2ª Parte - pp. 367- 534)

- Categorias de Aristóteles, traduzidas do Grego, e ordenadas conforme a um novo plano para uso das Preleções Philosophicas do auctor - Rio de Janeiro, Imp. Regia, 1814, 4º de VI-45 pp.

- 2ª Edição - com Introdução de António Paím - Editora da

Universidade de São Paulo, Editorial Grijalbo, Lda, São Paulo, 1970. (Inclui as Categorias de Aristóteles, bem como um Índice do Tomo I, parte I, e um "Suplemento". 389 páginas.)

- Categorias de ARISTÓTELES, tradução de Silvestre Pinheiro Ferreira. Apresentação e Notas de Pinharanda Gomes. Lisboa, Guimarães e Cª Editores, 1974, 1ª Publicação.

- Synopse do Código do processo Civil, conforme as leis e estilos actuaes do fôro portuguez. Paris, Typ. de Firmin Didot, 1825, 12º Gr. ou 8º dito portuguez. De VI-213 pp.

- Prospecto e Índice alfabético dos termos da constituição do império do Brasil, e da carta constitucional do reino de Portugal, em duas columnas, para servirem de texto ao « Manual do cidadão». Paris, offic. typ. de Casimir, 1830.

- Projectos de Ordenações para o reino de Portugal. Tomo I.

(Carta constitucional, e projecto de leis organicas.) Paris, na

Offic. Typ. de Casimir 1831, 8º gr. de XXVI-470 pag. e mais quatro, sem nº, de appenso e errata.

- Tomo II. (Exposição da Carta constitucional, e do projecto de leis organicas.) Ibi, na mesma Offic. 1831. 8º gr. de XVI--529 pag.

- Tomo III. (Projecto de reforma das leis fundamentaes e constitutivas da monarchia.) Ibi., na mesma Offic. 1832. 8º gr de XV-379 pag.

- Observações sobre a Carta constitucional do reino de Portugal, e a constituição do imperio do Brasil. Paris, na Offic. Typ. de Casimir, 1831. 8º gr. de IV-94-107 pag. e mais 16 de indice alfabético. (Nota: as Observações entre as pag. 1-99, insertas no Tomo II, repetem as mesmas pag. do Tomo II do Projecto de Ordenações.)

- Parecer sobre os meios de se restaurar o governo representativo em Portugal por dous conselheiros da corôa constitucional. Paris, 1831. 8º gr.

- Projecto de um systema de providencias para convocação das

Côrtes geraes, e restabelecimento da Carta constitucional. Appendice ao Parecer de dous conselheiros da corôa constitucional sobre os meios de se restaurar o governo representativo em Portugal. Paris, na Offic. de Casimir 1832. 8º gr. de IV (sem nº)-VII-15-40-24-54-60 pag. (Contém cinco projectos de decretos: 1º de amnistia; 2º de liberdade de imprensa; 3º de divisão territorial; 4º de classificação de habitantes do reino; 5º do processo de eleições. Faz parte da obra Parecer sobre os meios de se restaurar o governo(...) com a qual anda muitas vezes conjuntamente encadernada.

- Indicações de utilidade publica, offerecidas ás Assembléas legislativas do Brasil e de Portugal. Paris, na Offic. Typ. de Casimir 1834. 12º gr. ou 8º portuguez: de VI-56 pag. (Contém as seguintes Indicações: 1ª, das colonias estrangeiras; 2ª, das colonias agricolas; 3ª, da necessidade de se formarem companhias para a abertura e construcção de estradas e canaes; 4ª, sobre os meios de obter dentro do mais curto praso um codigo civil e criminal).

- Manual do cidadão em um governo representativo, ou princípios de Direito constitucional, administrativo e das gentes. Tomo I. (Direito constitucional). Paris, na Offic. Typ. de Casimir 1834. 8º gr. de VIII-348 pag.

Tomo II. (Direito administrativo e das gentes.) Ibi., na mesma Offic., 1834. 8º gr. (Depois de VI pág. sem número, prossegue a numeração do Tomo antecedente, da pág. 349 a 619).

- Projecto do Codigo geral de leis fundamentaes e constitutivas de uma monarchia representativa. Paris, Offic. Typ. de Casimir 1834. 8º gr. de XVI-224 pag. (É o terceiro volume do Manual do Cidadão, que fica servindo como de commentario perpetuo, ou explanação das doutrinas conteúdas no Projecto do Codigo).

- Declaração dos direitos e deveres do homem e do cidadão. Paris, Offic. Typ. de Casimir 1836, 8º gr. de VIII-76 pag. (O autor indica, em Advertencia, que se trata de reprodução do seu Projecto de codigo de leis fundamentaes e constitutivas).

- Noções elementares de Ontologia. Paris, Offic. Typ. de Casimir 1836. 8º gr. de VI (sem numeração)-35 pag.

- Projecto de um Banco de socorro e seguro mutuo. Paris, Offic. Typ. de Casimir, 1836. 8º gr. de 32 pag.

- Breves observações sobre a Constituição politica da monarchia portugueza decretada pelas Côrtes constituintes reunidas em 1821. Paris, Offic. Typ. de Casimir, 1837.

- Noções elementares de Philosophia geral, e applicada ás sciencias moraes e politicas (Ontologia, Psychologia, Ideologia). Paris, Offic. Typ. de Fain e Thunot, 1839. 8º gr. de XI-III pag., com um appendice de 87 pag. sem numeração, com mappas systematicos, observações, e no fim um indice alphabetico. (Constitui, juntamente com as Noções elementares de Ontologia, a primeira parte do Curso Philosophico que, na fase anterior de aulas, se designava pelos nomes de Logica e Metaphisica).

- Projecto de Codigo politico para a nação portugueza. Paris, na Offic. de Fain et Thunot, 1839. 8º gr.

- Projecto de Associação para o melhoramento das classes industriosas. Paris, na Offic. de Fain e Thunot. 8º gr. de XVI -2o8 pag.

- Memoria sobre a administração da justiça criminal, segundo os principios de Direito constitucional. (Extraída do Cours de Droit public.) Lisboa, Typ. Lusitana, 1841. 8º gr. de 41 pag.

- (Anteriormente publicada na Revista Litteraria do Porto, nº 38, mas com um erro, o que levou a esta nova edição.)

- Mappas systematicos das terminações dos nomes e verbos da lingua franceza. Paris, Offic. de Fain e Thunot, 1842. - Projecto de uma Encyclopedia. Lisboa, Imp. Nacional, s/d. (1843?). 8º gr., 4 pag.

- Relatorio e projecto de leis organicas para a execução da Carta constitucional, apresentado em Côrtes na sessão de 4 (3?) de Abril de 1843. Segue--se: Summarios do systema de leis organicas da Carta constitucional da Monarchia Portugueza.

(É o seguinte o Índice dos catorze Projectos:

1º - Projecto de lei regulamentar da formação do cadastro territorial e pessoal (20 pp).

2º - Projecto de lei organica do registro do estado civil dos cidadãos (11 pp).

3º - Projecto de lei regulamentar das garantias

constitucionaes, e da responsabilidade dos funcionarios publicos (14 pp).

4º - Projecto de lei organica e regulamentar das promoções e recompensas (14 pp).

5º - Projecto de lei organica e regulamentar do governo superior do estado (16 pp).

6º - Projecto de lei organica dos governos territoriaes (4 pp).

7º - Projecto de lei organica e regulamentar da administração da justiça (27 pp., mais 16 de " exposição dos motivos").

8º - Projecto de lei organica da força armada de mar e terra (18 pp.).

9º - Projecto de lei organica dos negócios de fazenda publica (20 pp., sendo as três últimas sem numeração).

10º - Projecto de lei organica dos negocios de economia publica (33pp).

11º - Projecto de lei organica de instrucção e educação publica (16 pp).

12º - Projecto de lei regulamentar do processo da discussão e votação nas damaras legislativas (12 pp).

13º - Projecto de lei organica e regulamentar das eleições (20 pp).

14º - Projecto de lei organica das relações civis do clero da igreja lusitana (6 pp).

- Breves observações sobre a legislação que regula o direito de importação dos livros portuguezes. Lisboa, Imp. Nac.s/d.4º de 3 pag.

- Questões de direito publico e administrativo, philosophia e litteratura. Parte I. Lisboa, Typ. Lusitana, 1844. 8º gr. de IV- -92 pag. - Parte II, idem, 104 pp. - Tomo II (III Parte), idem, 172 pp. e duas de Índice. - Tomo III (IV Parte), idem, IV-128pp.

(Obs.: nesta obra foram reunidos todos os artigos que haviam sido publicados em diversos números do jornal A Restauração, a saber:

TOMO I. Parte I.

- Em que casos poderá abster-se de votar o membro de uma assembléa legislativa? Pág. 1

- Do conselho d'estado nos governos representativos. Pág. 3

- Do conselho d'estado, conforme o projecto de lei proposto á

Camara dos deputados na sessão de 25 de Fevereiro. Pág. 12

- Da policia preventiva nos governos constitucionaes. Pág. 18
- Do sentido do artigo 27º da Carta constitucional, segundo os principios dos governos representativos. Pág. 25
- Dos supremos tribunaes de justiça nos governos representativos. Pág.30.
- Da origem, natureza e efeitos das diversas especies de amnistia.

Pág. 33.

- Em que consiste a resistencia legal. 1º e 2º artigos. Pág.43
- Que quer dizer a phrase: o rei reina, e não governa? Pág.49
- Da instituição do jury. Pág. 54.
- Das suppostas ficções dos governos constitucionaes. Pág. 58
- Do principio das maiorias, e do voto universal nos governos representativos. Pág. 63.
- Dos elementos essenciaes do poder legislativo nos governos representativos. Pág. 69.
- Da reforma eleitoral. Pág. 74.
- Das assembléas constituintes, e das constituições, 1º, 2º e 3º artigos. Pág. 78-92.

TOMO I. PARTE II.

- Do poder moderador, 1º e 2º artigos. Pág. 1.
- Das dispensas da lei. Pág.11.
- Devem os proprietarios dos fundos nacionaes ou estrangeiros, ser exemptos das contribuições impostas sobre os rendimentos? Pág. 14.
- Devem os estabelecimentos particulares de charidade ser exemptos das contribuições impostas sobre os rendimentos? Pág. 18.
- Da natureza do pariato nas monarchias representativas. Pág.20
- Do principio fundamental, e das condições essenciaes dos governos representativos. 1º, 2º e 3º artigos. Pág. 24.
- Das condições essenciaes do poder judicial nos governos representativos. 1º-6º artigos. Pág. 38-74.
- Dos delictos politicos. Pág. 75.
- Das reformas constitucionaes. 1º e 2º artigos. Pág. 80.
- Da responsabilidade dos membros do governo supremo. Pág. 87.
- Dos conloios industriaes. Pág. 91.
- Dos monopolistas, atravessadores e mascates. Pág. 97.

TOMO II. PARTE III

- Da independencia dos poderes politicos. Pág.3. (Ver também:
 - Da independencia dos poderes politicos nos governos representativos, Revolução de Setembro, nº 967, 1844, transcrito in PEREIRA, José Esteves, Silvestre Pinheiro Ferreira, o.c. pag.285-290.
 - Das diversas sortes de moeda, ou meio circulante. 1º, 2º, 3º e 4º artigos. Pág. 12.
 - Da interpretação do artigo 137º da Carta constitucional. Pág. 31.
 - Da Liberdade de correspondencia e da liberdade de ensino. Pág. 34.
 - Dos principios caracteristicos das diversas formas de governo. Pág. 44.
 - Do direito de petição e de protesto nos governos constitucionaes. Pág. 51 .
 - Estado da questão: não são os homens que faltam ás leis; são as leis que faltam aos homens. Pág. 54.
 - Dos direitos naturaes do homem e do cidadão. Pág. 58.
 - Da segurança pessoal. 2º, 3º e 4º artigos. Pág. 62.
 - Da liberdade individual. 5º artigo. Pág. 72.
 - Da propriedade real. 6º artigo. Pág. 76.
 - Juizo critico sobre o opusculo: « Observações criticas ao decreto do 1º de Agosto de 1844, por Antonio de Azevedo Mello e Carvalho. Pág. 80.
 - Do sentido do par. 34 do artigo 146º da Carta Constitucional. Pág. 84.
 - Da diffamação, considerada nas suas relações com o direito de liberdade de imprensa. Pág. 96.
 - Breves observações sobre a « Constituição politica da nação portugueza, promulgada em 4 de abril de 1838 » . Pág. 99.
 - Das casas de correcção em geral, e das pennitenciaras em particular. Pág.128.
 - Da verdadeira missão do jury, segundo os principios da jurisprudencia constitucional. Pág. 140.
 - Do conselho d'estado segundo a Carta.1º e 2º artigo. Pág. 151.
 - Das diversas sortes de monarchia. Pág. 159.
 - Do contencioso administrativo. 1º e 2º artigos. Pág. 161.

TOMO III

- Projecto de lei de criação das casas de correcção para homens, etc. Pág. 3.
- Exposição dos motivos sobre o projecto de lei antecedente. Pág. 18.
- Exame dos artigos que pareceu carecerem de alguma especial explicação. Pág. 33.
- Projecto de lei de criação das casas de correcção para mulheres, etc. Pág. 48.
- Exposição dos motivos. Pág. 53.
- Breves Observações sobre o tractado concluido em 1826, entre o Imperador do Brasil e o Rei de França. Pág.57.
(Também impresso, em separado, em Lisboa, na Typ. Lusitana, 1845. Uma folha de impressão em 8°.)
- Da jurisprudencia que, segundo as disposições da lei fundamental, deve regular em materia de privilegios. 1º, 2º e 3º artigos. Pág. 69.
- Dos principios geraes da civilisação. Pág. 83.
- Da organização do trabalho. Pág. 88.
- Das vantagens e inconvenientes da concurrencia no mercado. Pág. 93.
- Dos effeitos da concurrencia das diversas nações no mercado geral de todos os povos da terra. Pág. 99.
- Juizo critico sobre as «Noções elementares de Ontologia e Psychologia racional, por Manuel Pinheiro de Almeida e Azevedo». Pág. 106.
- Breves observações sobre os tratados de commercio. Pag.109
- Da verificação de poderes dos eleitores e deputados da nação. Pág. 112.
- Considerações sobre a marcha e estado actual da civilisação europea. Pág. 116.
- O que é um codigo penal? 1º e 2º artigos. Pág.120.
(Com este artigo terminam as Questões de Direito ...)
- Da oração do christão, impressa em Roma com licença da Sagrada Congregação encarregada do exame e censura dos livros, e a traducção italiana em frente. Lisboa, Imp. Nacional, 1845.
- Transcrita em PEREIRA, José Esteves, o.c. (pág. 219-253) acompanhada de todos os textos relativos à "polémica com

Castilho", desencadeada pela publicação desta Oração...).

- Aos proprietarios dos predios rusticos e urbanos. Carta datada de 25 de Junho de 1846, publicada pela Revolução de Setembro, em Julho de 1846, já depois do falecimento do autor).

- Notas ao « Ensaio sobre os principios de mechanica, obra posthuma de José Anastacio da Cunha, dada á luz por D.D.A. de S.C.(D. Domingos António de Sousa Coutinho) possuidor do manuscrito autographo». Amsterdam, Offic. de Belinfante e Comp^a, 1808, 8º gr., 32 pág. e uma de errata. (Juntamente com Principios de mechanica, por Silvestre Pinheiro Ferreira, com 15 pág. e uma de errata. Com uma estampa.

- Questão grammatical sobre as syllabas, in O Patriota, Rio de Janeiro, 1813, tomo I, nº 1.

- Considerações sobre a grammatica philosophica, in O Patriota, Rio de Janeiro, 1813, tomo I, nº 1.

- Transcrito em COELHO, Maria Luisa de Souza, A Filosofia de Silvestre Pinheiro Ferreira, pág. 289-294.

- Memoria sobre um novo principio do calorico, in O Patriota, id., Tomo II, nº 1.

- Observações sobre os direitos da propriedade litteraria e artistica. In Diario do Governo, nº 225, de 23 de Setembro de 1842.

- Observações philologico-grammaticaes e ortographicas, in Panorama, vol.VI (1842), nº 53; vol VII (1843), nº 57 e 59; e vol VIII (1844), nº128.

- Reflexões sobre o methodo de escrever a historia das sciencias, e particularmente a da philosophia. In Pantalogo, (1844), nº 1, pág. 3.

- Transcrito em COELHO, Maria Luisa de Souza, o.c., pág. 257-263.

- Reflexões sobre os differentes methodos de confeccionar os catalogos das bibliothecas. In Pantalogo, nº 3 (pág. 20) e nº 4 (pág.29).

- Dos limites da auctoridade dos classicos em materia de linguagem. In O Pantalogo, nº 5 (pág. 71).

- Dos systemas absolutos em economia politica. In O Pantalogo, n° 14 (pág. 107) e n° 18 (pág.139).
- Do systema penitenciario. In Revista Academica de Coimbra, n°18 (pág. 276); n° 19(pág.289); e 21(pág. 342).
- Das sciencias em geral, e da sua classificaçãõ em particular In Aurora, revista mensal, (1845), n° 1 (pág. 33).
 - Transcrito in COELHO, Maria Luisa, o.c., (pág. 263-275).
- Dos bancos ruraes.In Aurora, id.,n° 2 (pág. 9).
- Reflexões sobre varias praticas e instituções economicas de previdencia. In Aurora, id. n° 3,(pág.60).
- Projecto de Associação de seguro mutuo dos empregados publicos. In Revista Popular, Tomo IV. (publ. póstuma).
- Sobre as origens e affinidades das linguas. In Revista dos Açores, Tomo I,1851 (pág. 13).

Obras Impressas em Francês e Inglês

- Observations sur quelques passages du «Manuel Diplomatique» de Mr. le baron Charles de Martens. Paris, Imp. de Baucé Rusand, 1825. 8° gr.
- Essai sur la Psychologie, comprenant la théorie du raisonnement et du langage, l'Ontologie, l'Esthétique et la Dicéosyne. Paris, Imp. de Bethune,1826. 8° gr. de IV-II-453 pag. e indice final.
 - A mesma obra (que está relacionada com as Noções elementares de Philosophia, impressas em 1839) editada na Typ. de Casimir, 1828, 8°gr.
- Précis d'un Cours de Droit public interne et externe. Paris, Imp. de Casimir, 1830. 8° gr. de IV (s/n°)- VIII-284 pag.

- Qu'est ce que la patrie? Paris, Imp. de Casimir, 1831
- Notes aux «Précis de Droit des gens» du conseiller de Martens. Paris, Imp. de Casimir, 1831
- Mémoire sur les moyens de mettre un terme à la guerre civile en Portugal (extrait du «Siècle»). Paris, Imp. de Casimir, 1833.
- Supplément au «Guide Diplomatique» de mr. le baron Charles de Martens. Paris, Imp. de Casimir, 1835. 8°.
- Observations sur le «Guide Diplomatique» de mr. le baron Charles de Martens. Paris, Imp. de Casimir, 1833. 8°.
- Observations sur la Charte constitutionnelle de la France. Paris, Imp. de Casimir, 1833. 12° gr. ou 8° portuguez. De IV(S/n°)-XII-128 pág.
- Principes du Droit public constitutionnel, administratif et des gens, ou Manuel du citoyen dans un gouvernement représentatif. Paris, Imp. de Casimir, 1834. 12° gr., 3 Tomos. (É tradução do Manual do cidadão ...)
- Project du Code général d'une monarchie représentative. Paris, Imp. de Casimir, 1834. 12°. (Complemento ao Manuel du citoyen.)
- Essai sur les rudiments de la Grammaire allemande. Paris, Imp. de Casimir, 1836.
- Notes au «Traité du droit des Gens» de Vattel. (É o vol. III do referido Traité ...) Paris, Imp. de Casimir, 1838. 8° gr.
- Observations sur la Constitution de la Belgique. Paris, Imp. de Casimir, 1838. 8°.
- Observations sur la Constitution du royaume de Saxe. Paris, Imp. de Casimir, 1838. 8°.
- Cours de Droit public interne et externe; avec les Observations sur la Charte de la France, de la Belgique et du royaume de Saxe. Paris, Imp. de Casimir, 1838. 3 Tomos.

- Preliminary discourse to a course of Political Economy. Paris, print. by Fain et Thunot, 1839. 12° gr.
- Principles of Political Economy by Mr. Mac Culloch abridged for the use of Schools accompanied with notes and preceded by a preliminary discourse by Mr. Pinheiro Ferreira. Paris, print. by Fain et Thunot, 1839.
- Précis d'un Cours d'Economie politique, suivi d'une Bibliographie choisie de la Economie politique par Mr. de Hoffmanns. Paris, Imp. de Reynal, 1840. 12° gr. de IV (s/n°)-XII-252 pag.
- Précis d'un Cours de Philosophie élémentaire : Ontologie, Psychologie, Idéologie. Paris, Imp. de Reynal, 1841. 12°gr.
(Ver ligação às Noções elementares de Filosofia geral...)
- Tableaux systématiques des terminaisons et de pénultièmes des noms et des verbes de la langue allemande. Paris. Imp.de Fain et Thunot, 1842.
- Tableaux systématiques des terminaisons et des pénultièmes des noms et des verbes de la langue française à l'usage des allemands. Paris, Imp. de Fain et Thunot, 1842.
- Précis d'un Cours de Droit public, administratif et des gens, suivi d'un Project de Code politique pour la nation portugaise. Lisbonne, Imp. Nationale, 1845. 12° gr. 2 Tomos.
- De la Théogonie - extrait de «l'Encyclopédie moderne», de Courtain.
- Transcrito in Coelho, Maria Luisa de Souza, o.c. pág. 275-288.
(Nota: na mesma «Enciclopédia» se encontram outros artigos seus, como Traités, Non intervention, Négotiation, Voyelles, e outros.)
- Cartas (a Adrião Pereira Forjaz). In « O Instituto». Vol. X, Coimbra, 1863.
- Carta (para o P. Fernando Garcia). In PEREIRA, José Esteves, o.c. pág. 193-194.
- Cartas - Publicações do Arquivo Nacional, vol. XXXIV, Rio de

Janeiro, 1937, págs. 357-361, " Copie des 5 lettres adressées par Silvestre Pinheiro Ferreira (1769-1846) à Victor Cousin». In COELHO, Maria Luiza de Souza, págs.252-257.

- Documentos Inéditos (Requerimentos diversos),id., págs. 209-248.

INEDITOS

- Notas ao «Précis d'un Cours de Droit constitutionnel», publ. nos annos de 1845 e 1846. - Projecto - Projecto de Codigo civil.
- Précis d'un Cours de Théologie naturelle et revelée, avec des notes et censures des prélats et des théologiens respectables.
A Lisbonne, 1846.
- Projecto de Constituições canonicas da Igreja Lusitana.
- Compendio de Economia politica, ou Elementos de Chrematistica para uso das escholas populares. Escripto em Paris, 1842.
- Mémoire sur l'origine et les progrès des pantomimes chez les anciens. 1787.
- Memorias e cartas biographicas autographas, ácerca do seu tirocinio na congregação do Oratorio, datada de 15 de Setembro de 1790.
- Memoria em resposta ao programma que a Academia de Wilna propoz sobre os progressos das sciencias moraes comparados aos das sciencias physico-mathematicas.
- Memoria justificativa ácerca da commissão dos espingardeiros em Berlim. Datada de Londres, a 15 de Junho de 1809.
- Memorias e documentos sobre a commissão diplomatica a Montevideo, que recusou por indecorosa para o governo de Sua Magestade, e para elle mesmo, de que resultou ser extraditado para a ilha da Madeira. Rio de Janeiro, Julho a Dezembro de 1813.
- Parecer que emittiu por ordem de S.A.R. sobre a questão da sede da monarchia, e meios de prevenir a revolução popular, tomando a iniciativa na reforma politica. Rio de Janeiro, 22 de Abril de 1814.
- Memorias e cartas biographicas sobre a revolução popular, e o seu ministerio no Rio de Janeiro desde 26 de Fevereiro de 1821 até ao

regresso de S. M. o sr. D. João VI com a corte para Lisboa, e os votos dos homens d'estado que acompanharam a S.M., in "Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro", vol. II e III. Rio de Janeiro, 1877. (Segundo referência de LIMA, Vivaldo da Costa, o.c. pág.15).

- Carta ao redactor do «Diario do Rio de Janeiro» datada de Paris a 30 de Abril de 1842 , agradecendo-lhe as obsequiosas expressões com que o desforçou das descomedidas invectivas de outro jornal, «O Brasil», ácerca do projecto de federação monarchica n'aquelle imperio.

- Parecer emittido em Lisboa a 22 de Abril de 1845, por ordem de Sua Magestade a Senhora D. Maria II, sobre os meios de se salvar a monarchia constitucional.

- Parecer sobre um projecto de pacto federativo fundamental entre o imperio de Brasil e o reino de Portugal. Datado de Paris, a 6 de Dezembro de 1825.

- Informação verbal perante uma Commissão das Côrtes em Lisboa, a 15 de Março de 1822 , sendo ministro dos negócios estrangeiros, ácerca do Brasil.

- Memoria ácerca dos Bancos de Portugal e do Brasil.

- Artigos para um «Diccionario constitucional»: Homem d'estado ; Conselheiro da corôa constitucional; Conselheiro d'estado.

- Des Ministres d'Etat dans un gouvernement constitutionnel. Paris, 1822.

- Memoria ácerca da Guyanna Franceza.

- Projecto sobre a criação de uma escola normal, onde se preparem os mancebos que se destinam para professores de sciencias, artes e letras. Paris, 1838.

- Projecto de uma sociedade para a construcção de canaes e estradas. Paris, 1838.

- Projecto de associação para socorro mutuo de capitalistas, mestres e aprendizes do officio de alfaiate. Paris, 1838.

- Observações sobre um projecto de estatutos para o estabelecimento da associação de officinas e artes mechanicas. Paris, 1838.

- Plan d'organisation du departement des finances dans un gouvernement representatif. Paris, 1840.

- Das condições da existencia dos caminhos de ferro em geral, e das suas consequencias quanto ás relações internacionais em particular.

- Parallelo das instituições denominadas Monte-pios com as Sociedades de soccorro mutuo, em dous artigos. Lisboa, 1845.

- Documentos para a historia politica sobre reclamações contra o governo francez.

- Mémoire sur la Pologne et la grèce.

- Point de vue sur lequel il importe à la Péninsule Ibérique de considérer la politique actuelle des cabinets étrangères à son égard. Paris, 1841.

- Artigo de politica e direito constitucional sobre o ministerio de Zea Bermudes em Hespanha. Paris, 1841.

- Programma das medidas que poderiam tirar o reino do estado de abatimento em que se acha. Março de 1842.

- Esboços e extractos de dicéosyna, ou sciencia dos direitos e deveres do homem, e do cidadão.

- Projecto a favor dos orphãos e viuvas. Escripto no Rio de Janeiro, antes da revolução.

- Projecto de um acto de confederação e mutua garantia de independencia dos estados ahi mencionados.

- Carta a um diplomata seu amigo em Berlim, sobre a politica da Prussia e potencias do Norte, relativamente à Peninsula iberica. Paris, 1825.

- Notas à Synopse do Código do processo civil, segundo as leis e estilos do fôro portuguez. Paris, 1825.

- Prelecções de Jurisprudencia commercial, Economia politica, Direito publico interno e externo, e questões de Philosophia applicada ás sciencias moraes e politicas; no collegio de Mr. Silvella, Paris, Rue de Montreuil n° 37, nos annos de 1829 e 1830.

- Explicação das tres expressões usuaes: «a mente do legislador», «espírito da lei» e «vontade nacional».

- Preconceitos constitucionaes. Anno de 1845.

- Memorias politicas sobre os abusos geraes e modo de se reformar e prevenir a revolução popular, redigido por ordem do príncipe regente no Rio de Janeiro em 1814 e 1815. In "Revista do Instituto Historico e Geográfico Brasileiro", tomo 47. 1884, 1ª parte.

- Cartas sobre a revolução do Brasil, idem .., tomo 51.

- Sur les vices de l'administration portugaise. 1811.

- Sur les moyens de détruire l'esclavage au Brésil. 1813.

- Préjuges légitimes sur la religion naturelle, 1796 (referida por Larousse).

ERRATAS

| Pág. | Linha | Onde se lê | Deve ler-se |
|------|-------------------------------------|---|---|
| 6 | 15 | assim | assim, |
| 7 | 8 20 | possível período | possível período |
| 8 | 7 27 | Doutoramento possível | Licenciatura possível |
| 9 | 15 | localizá-las | localizar algumas delas |
| 11 | 1 21/22 23 | assumptos positiv-ismo juízo | assumptos positiv-ismo juízo |
| 12 | 12 22/23 | necessariamente cor-agem | necessariamente cora-gem |
| 13 | 26 | Legação | Legação |
| 15 | 2 14 | mantem Península | mantêm Península |
| 17 | 21 | o o | o |
| 18 | 10 20 | Familia Cârtes | Família Cortes |
| 19 | 18 18/19 23 6 ⁸ | lhe corre-spondente Grã-Bretanha a quando CÔRTEs | -lhe corres-pondentes Grã-Bretanha quando / CORTES |
| 20 | 20 | (entu)siásticamente | (entu)siasticamente |
| 21 | 1 | Dicionário | Diccionário |
| 23 | 8 29 | philosóficas inevitavelmente | philosophicas inevitavelmente |
| 24 | 3 18,19 | p. ex. sec. | por exemplo séc. |

| | | | |
|----|--|--|--|
| 28 | 2 4 26 | início a quando inflexível | início aquando inflexível |
| 30 | 7 | pantenteia | patenteia |
| 33 | 5 15 | implicitamente possível | implicitamente possível |
| 35 | 17 | clareza - | clareza, |
| 36 | 5 13 | por que facto | porque factos |
| 38 | 14 27/28 | familia ...e | família ... e não a ... |
| 39 | 11/12 | circun-stâncias | circuns-tâncias |
| 42 | 4/5 12 | ...do Pinhero | ...do "Essai de... Pinheiro |
| 43 | <i>penúltimo último</i> 8 21 | <i>sem ocultaram</i> impossível tríplice | <i>sem ocultaram</i> impossível tríplice |
| 46 | 20 | necessariamente | necessariamente |
| 47 | 1 | filosóficamente | filosoficamente |
| 48 | 19 | constituído | constituído |
| 51 | 18/19 | semel-hanças | semel-lhanças |
| 52 | 9 17/18 22 | incompreensíveis analítico físico | incompreensíveis analítico e ... físico |
| 53 | 2 | possui | possui |
| 56 | 14 19 e 25 | legitimidade científicas(o) | legitimidade científicas(o) |
| 57 | 14 | raciocínio e de | raciocínio e da |
| 58 | 1 21 | Preleções constituem | Preleções constituem |
| 59 | 2 25 | quaiquer (...) | quaisquer (...) por isso... |
| 61 | 7/8 10 | inenitav-elmente possível | inevita-velmente possível |

| | | | |
|----|-----------|-----------------------|-----------------------|
| | 12 | é imediatamente | é imediatamente |
| | 13 | fossea | fosse a |
| | 17 | metedologia | metodologia |
| | 18 | critico | crítico |
| | 21 | principios | princípios |
| | 25 | evoluçãodo | evolução do |
| | 26 | insistênciade | insistência de |
| | 27 | possivel | possível |
| | 28 | possiveis | possíveis |
| 62 | 11 | principios | princípios |
| | 16 | racionalismo | racionalismo |
| | 22 | democratica | democrática |
| 63 | 5 | fácilmente | facilmente |
| 64 | 4 | constituída | constituída |
| | 4 | qualquer | quaisquer |
| | 13 | possivel | possível |
| 65 | 8 | triplice | tríplice |
| | 20 | Metafisica | Metafísica |
| | 22 | poderiam | poderiam |
| | 23 | possiveis | possíveis |
| 66 | 7 | escreveria | escreveria |
| | 8 | Indices | índices |
| | 27 | distribuiças | distribuídas |
| 67 | 17 | inteligiveis | inteligíveis |
| 68 | 21/22 | sim-ultâneamente | si-multâneamente |
| 69 | 20 | possivel | possível |
| | 24 | constituída | constituída |
| | 25/26 | delin-eado | deli-neada |
| | 28 | distribuidas | distribuídas |
| 70 | 4 | apreender | aprender |
| | 12 | constituídos | constituídos |
| | 13/14 | acompan-hados | acompan-nhados |
| 71 | penúltima | se | -se |
| 72 | 16 | Rejeitando | Rejeitando |
| | 18/19 | con-hecimentos | co-nhecimentos |
| | 22 | lógico-linguística | logico-linguística |
| 73 | 7 | Preleções | Prelecções |
| 74 | 5 | principio | princípio |
| | 17 | "O entendimento | O entendimento |
| 75 | 5 | concluimos | concluimos |

| | | | |
|-----|---|-------------------------|------------------------------|
| | 18 | logos, nous, idea | "logos", "nous", "idea" |
| | 20 | constroi | constrói |
| | 22 | raciocínios | raciocínios |
| | 23 | princípios | princípios |
| | 24 | possível | possível |
| 76 | 6 16/17 | científico pos-suído | científico pos-suído |
| 77 | 16/17 | concida-dão | concida-dãos |
| 88 | última | COELHO,.... | eliminar esta linha |
| 90 | » | BENVENISTE,.... | » » » |
| 92 | 10 | COELHO,... | FRADO COELHO,... |
| 92 | Acrescentar: | | |
| | STODERIG, Hans Joachim - Kleine Weltgeschichte der Philosophie, Stuttgart, Verlag V. Kohlhammer, 1950 | | |
| | WILLMS, Bernard - Philosophie die uns angeht, Bertelsmann Lexikon-Verlag, Guetersloh, 1975 | | |
| 95 | Eliminar espaços em: | | |
| | (...) - <u>A Filosofia de Silvestre Pinheiro Ferreira,...</u> | | |
| | (...) - <u>Silvestre Pinheiro Ferreira - O Seu Pensamento...</u> | | |
| | (...) - Baía, Centro de Documentação... | | |
| | última | - 2ª Edição | Preleções Filosóficas -2ª... |
| 110 | 11 | grêce | Grèce |
| 111 | 17 | Préjuges | Préjugés |